

AVISO AO USUÁRIO

A digitalização e submissão deste trabalho monográfico ao *DUCERE: Repositório Institucional da Universidade Federal de Uberlândia* foi realizada no âmbito do Projeto *Historiografia e pesquisa discente: as monografias dos graduandos em História da UFU*, referente ao EDITAL N^o 001/2016 PROGRAD/DIREN/UFU (<https://monografiashistoriaufu.wordpress.com>).

O projeto visa à digitalização, catalogação e disponibilização online das monografias dos discentes do Curso de História da UFU que fazem parte do acervo do Centro de Documentação e Pesquisa em História do Instituto de História da Universidade Federal de Uberlândia (CDHIS/INHIS/UFU).

O conteúdo das obras é de responsabilidade exclusiva dos seus autores, a quem pertencem os direitos autorais. Reserva-se ao autor (ou detentor dos direitos), a prerrogativa de solicitar, a qualquer tempo, a retirada de seu trabalho monográfico do *DUCERE: Repositório Institucional da Universidade Federal de Uberlândia*. Para tanto, o autor deverá entrar em contato com o responsável pelo repositório através do e-mail recursoscontínuos@dirbi.ufu.br.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA
INSTITUTO DE HISTÓRIA

MEMÓRIAS E SIGNIFICADOS DA BANDA DE MÚSICA
DE CASCALHO RICO – MG

JULIANA CRISTINA DE ARAÚJO

JULIANA CRISTINA DE ARAÚJO

**MEMÓRIAS E SIGNIFICADOS DA BANDA DE MÚSICA
DE CASCALHO RICO – MG**

Monografia apresentada ao Curso de Graduação em História, do Instituto de História da Universidade Federal de Uberlândia, como exigência parcial para obtenção do título de Bacharel em História, sob a orientação da Profª. Dra. Dilma Andrade de Paula.

Uberlândia, Junho de 2.005

JULIANA CRISTINA DE ARAÚJO

**MEMÓRIAS E SIGNIFICADOS DA BANDA DE MÚSICA
DE CASCALHO RICO – MG**

BANCA EXAMINADORA

Prof^a. Dra. Dilma Andrade de Paula

Prof^a. Dra. Célia Rocha Calvo

Prof. Ms. Gilberto Pereira da Silva

AGRADECIMENTOS

À Dilma Andrade de Paula, orientadora dessa pesquisa, por me fazer acreditar que era capaz e que com intensa colaboração e compreensão proporcionou-me a concretização desse trabalho.

Aos professores Célia Rocha Calvo e Gilberto por aceitarem prontamente participar da Banca Examinadora.

A todos que contribuíram de alguma forma para a realização desse estudo, principalmente aqueles que o fizeram por meio de seus depoimentos.

À Karina Santana Peixoto e André Vieira Ribeiro, amigos e companheiros de graduação os quais compartilhei todas as angústias e alegrias ao longo do curso e da realização dessa pesquisa.

Ao meu grande amigo João Batista da Silva (João Tereza) que foi peça fundamental na realização desse trabalho.

A meus pais Carlos e Luzia, pela lição de amor, carinho, compreensão e dedicação, que me ensinaram durante toda vida.

A Marlos Vieira Ribeiro que esteve ao meu lado em todos os momentos, sempre me incentivando e me dando forças.

Enfim, a todos que de alguma forma não foi possível aqui relembrar, mas que fizeram parte na realização desse trabalho, sendo sinônimos de apoio e incentivo, expresso meu profundo respeito e carinho, que será pouco diante do muito que foi oferecido.

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO.....	8
CAPÍTULO I – BANDAS DE MÚSICAS: TRAJETÓRIAS, MEMÓRIAS E HISTÓRIAS	15
1. BANDAS MUSICAIS DE CASCALHO RICO	20
1.1 BANDA DE MÚSICA ELOY MIRANDA – 1924 /1933	20
1.2 BANDA DO ALÍCIO MIRANDA E FACINHO – 1942 /1976	21
1.3 BANDA ALÍCIO MIRANDA	23
CAPÍTULO II - CASCALHO RICO E A BANDA DE MÚSICA ALÍCIO MIRANDA	31
2. MÚLTIPLOS SIGNIFICADOS DA BANDA DE MÚSICA ALÍCIO MIRANDA	36
2.1 OS CONTRASTES EM RELAÇÃO AO PATRIMÔNIO HISTÓRICO	36
2.2 ENCANTOS E DESENCANTOS EM RELAÇÃO À BANDA ALÍCIO MIRANDA	38
2.3 LEMBRANÇAS E ESQUECIMENTOS	42
CONSIDERAÇÕES FINAIS	48
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:.....	51
FONTES UTILIZADAS	53
ANEXOS	55

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Mapa 1 – Localização da Cidade de Cascalho Rico

RESUMO

Esse trabalho tem como centro de análise a Banda de Música de Cascalho Rico, tendo como objetivo central, a compreensão do significativo afeto que os moradores cascalhoriquenses dedicam à Banda de Música, detectando ainda sua importância para antigos e atuais moradores e músicos, onde tradições e hábitos se perderam com tempo, buscando assim, o entrelaçamento com a história local e patrimônio histórico, no intuito de resgatar e fazer um elo entre o passado e presente e, quiçá, historiar o futuro. O corte espacial dessa análise circunscreve-se em Cascalho Rico, Estado de Minas Gerais, tendo como recorte cronológico o período de 1924, quando surge a primeira banda de música até o momento atual. Foi de fundamental importância o embasamento teórico metodológico, a partir dos autores : Pierre Nora em relação à memória, Alessandro Portelli que trabalha com a história oral, Raphael Samuel com a história local e Carlos Lemos com o conceito de patrimônio histórico. Quanto à metodologia adotada, optei por trabalhar com fotos antigas e atuais, jornais, alguns documentos oficiais do poder público, revistas elaborados por moradores de Cascalho Rico e principalmente as fontes orais, que tiveram papel primordial na tentativa de buscar por meio de recordações, formulações para minhas indagações.

APRESENTAÇÃO

Este estudo é resultado da minha paixão perante as tradições, em especial, no que tange a banda de música e demais vestígios que contam parte da história da cidade de Cascalho Rico, Minas Gerais. Vale dizer, que as lembranças não possuem uma linha de tempo, com datas e marcos, mas sim um tempo que é significativo, daquilo que permite, de certa maneira a esses sujeitos serem o que é, pensarem como pensam, em relação Banda de Música.

Nesta linha de pensamento, a história deve ser lembrada como uma experiência humana que tem sua própria exposição, demonstração e representação, por isto, quando parti para essa pesquisa, pensei não simplesmente buscar um assunto, mas sim pensar no seu objetivo e para tanto busquei referenciais principalmente em relação à “Banda de Música”, na oportunidade de preservá-la para que a mesma não se perca na memória em detrimento do “progresso”. Sendo assim, procurei refletir os marcos da cidade de Cascalho Rico como expressão de registros vinculados à produção de memória e nas temporalidades de memórias compostas de lembranças e significados atribuídos pelos muitos sujeitos que vivenciaram e vivenciam esses momentos.

A problematização se desenvolveu por meio do estudo da história das bandas de música da cidade de Cascalho Rico, no período de 1924 que abrange a criação da primeira banda de música até o momento atual. Lembro-me que, desde minha infância, sentia um prazer enorme em correr atrás da banda, me encantava ver e ouvir a banda de música tocar. Foi essa vivência que me instigou iniciar essa pesquisa. Desse modo, algumas questões se colocam para serem investigadas e nortear esse trabalho: Qual o significado que a Banda de Música teve e continua tendo para as pessoas? Qual o sentido da apresentação da banda nas festas religiosas? Quais as motivações que fazem com que as pessoas se tornem músicos? Houve alguma mudança em relação à banda atual e às bandas das gerações passadas? As músicas tocadas pela banda trazem alguma recordação? A comunidade e a prefeitura dá o devido valor a banda de música? E por que a permanência da banda de música em Cascalho Rico? Refletir sobre tudo isso, foi um dos desafios que propus em meu trabalho e com o objetivo de compreender esse processo, algumas fontes foram utilizadas, tais como livros de tombamentos, bem como as leis que regem esse processo, revistas elaboradas por moradores de Cascalho Rico,

contendo sua história e a lei de sua regulamentação, fotografias antigas e recentes e principalmente entrevistas orais uma vez que o objetivo geral desse trabalho é analisar os significados que a banda trouxe e ainda traz para os sujeitos históricos, cujas memórias expressaram sentidos atribuídos à essa, nos territórios de vivências e suas experiências.

Na pesquisa de campo, foram realizadas conversas informais e depois entrevistas com onze pessoas, dentre atuais e antigos moradores, integrantes e colaboradores da banda, maestros, etc.

Fez-se necessário ouvi-los, pois cada um dos depoentes desenvolve uma interpretação singular da sua realidade exprimindo um significado característico às suas lembranças. Ressaltar essa diversidade, antes de ser obstáculo, constitui-se numa riqueza de elementos a serem explorados por todo pesquisador.

As fotografias são utilizadas no intuito de resgatar, por meio da memória, lembranças esquecidas e que necessitam de incentivo para serem novamente suscitadas, ou seja, tornar o assunto visível, preservando desse modo, um pouco da memória e das tradições da cidade.

Como contribuição teórica foi de fundamental importância nesse trabalho o conceito de memória e história elaborado por Pierre Nora, que trabalha a questão da memória e coloca o sentimento de continuidade presente naquilo que se lembra, sendo condição essencial para que haja a memória, que é um celeiro inesgotável de possibilidade de lembranças, onde memória não é história, bem como relaciona a noção de lugares da memória com a questão da identidade e o anexo de sua perda, identidade esta que, diz respeito a situação da existência coletiva nos momentos históricos e que se expressa por identificação dos grupos :

(...) A materização da memória está assim, em poucos anos, prodigiosamente dilatada, desmultiplicada, descentralizada, democratizada.. Não somente guardar tudo, mas conservar todos os signos indicadores da memória, mesmo se não soubermos exatamente de que memória eles são indicadores. Mas produzir arquivos é o imperativo de nossa época.. Ele não é mais o relicário, mais ou menos intencional de uma memória perdida. Ele duplica o vivido, que se desenrola diante dele mesmo em função de seu próprio registro (...)

(NORA, 1984 p.28 e 29)

O intuito de trabalhar com o conceito de Nora foi justamente na busca de perceber por meio da “Banda de Música de Cascalho Rico”, a identidade entre o vivido e o

abandono, às vezes provocado pelas manifestações políticas, bem como pelo esquecimento e a partir daí, compreender o porquê de sua permanência.

Sobre a metodologia no trato com história oral, apoiei-me no pensamento de Portelli, o qual diz :

*(...) uma entrevista é uma troca entre sujeitos: literalmente uma visão dupla. O pesquisador de campo, entretanto, tem um objetivo amparado em igualdade, com condição para uma comunicação menos dissociada e um conjunto de informações menos tendenciosas.
(...)*

(PORTELLI, fev/1997 p.37)

A afirmativa do autor faz entender as memórias produzidas pelas fontes orais na presença do pesquisador. Ou seja, lida-se com testemunhos em que o desejo de saber algo se encontra diante da intenção de se contar algo. A discussão é que a memória é compartilhada em determinados grupos e a tarefa do historiador consiste em buscar o terreno comum, onde essas várias experiências se juntam e formam o enredo, onde essa memória compartilhada, só vai ter sentido com o risco de interpretação do historiador, pois uma fonte pode trazer várias indagações.

Segundo Portelli :

(...) A presença da escrita libera a oralidade do peso da memória. Não importa o quanto falemos sobre nós mesmos como historiadores que lidam com relatos orais, a própria tecnologia do nosso trabalho é transformar o oral em palavra escrita, congelar material fluido em um momento arbitrário no tempo. Isto talvez não seja nem “bom” nem “ruim”; de qualquer maneira, talvez não haja nada que possamos fazer. Mas pelo menos, devemos estar conscientes de que é isto o que fazemos (...)

(PORTELLI, 2004 p.300/311)

Portelli traça a relação dialógica sobre o trabalho final, que não é só feito pelo historiador, mas um diálogo entre historiador e o entrevistado. Sendo assim, as fontes orais são, então fundamentais, no decorrer da pesquisa, haja visto, que é por meio delas que libertamos a memória aprisionada e acrescentamos a experiência humana e suas formas culturais. Pensando nas bases de legitimação em contar uma história de vida salientadas por Portelli (1997:36): “ou a vida é significativa ou a história é bem contada”, é possível perceber que, algumas vezes, o que importa é a beleza das histórias a serem contadas e que mesmo que os dados apontados pelo narrador não confirmem com a história oficial, é necessário levar em consideração o significado que tais dados representam e/ou representaram na história de vida do mesmo.

Cada história possui uma beleza intrínseca nas entrelinhas da memória resguardada, sendo que esta pode ser considerada o mais profundo tema de performance, pois, as imagens do passado são preservadas e quando são relatadas, na maioria das vezes, a emoção se torna patente na fala do narrador, trazendo à tona momentos que tiveram significativa importância em sua história de vida. Portelli nos informa menos sobre o caráter técnico da entrevista, do que o saber sobre a sua expressão de vontades, subjetividades, onde temos de deixar claro o que queremos, pois esta é uma parte que permite discutir a oralidade, a pessoa pausa suas falas, expressa emoções e estruturas de sentimentos.

O presente estudo foi também embasado em Raphael Samuel, o qual foi de suma importância para esse trabalho, cuja visão de região é construída com o campo da história local, e que as fontes locais são infinitamente variadas, enfatiza a força popular, e, em se tratando das fotografias em relação ao meu objeto de estudo, “a banda de música”, elas serviram de estímulo para que as pessoas entrevistadas se questionassem quanto ao local onde moram ou moravam e sobre como viveram seus antepassados. O autor enfatiza que ao analisar algumas fotografias, produzidas em diferentes épocas, poderemos constatar as transformações ocorridas.

Para Samuel :

(...) Eles tem aguçado senso de herança, valorizando a iconografia – velhos contratos de aprendizagem ou cartões do dia dos namorados, medalhas de bronze por frequência, livros de prêmio da escola dominical, cartões postais de férias – e, uma vez que sua curiosidade tenha sido estimulada, elas poderão ficar ansiosas por ajudar, remexendo nos velhos papéis, para ver o que podem cavar, submetendo-se a questionamentos detalhados, e oferecendo voluntariamente informações. Frequentemente o historiador local estará utilizando a reflexão acumulada sobre sua experiência de vidas e não é acidental que tantas histórias de vilas e paróquias tenham sido escritas por homens e mulheres ativamente engajados em eventos locais. (...)

(SAMUEL, 1990 p.221)

Carlos A. Lemos, em relação à patrimônio histórico, afirma que :

(...) recriar o passado só é válido para fins didáticos, pois nessas reconstituições existe sempre uma artificialidade fria e estática onde está sempre ausente a marca da presença humana. (...)

(LE MOS, 1982 p.1)

Segundo Lemos, o valor da preservação do patrimônio histórico é maior se houver a possibilidade de manter a originalidade propiciada pela organização segundo as

necessidades dos indivíduos que desfrutam de tais ambientes. A reprodutibilidade técnica e a serialização é comentada por Lemos, quando afirma que graças a produção em série, resultado de tecnologia, ocorre uma uniformização, uma universalização dos patrimônios históricos.

A noção de patrimônio tal como é concebida hoje, começou a se firmar no cenário brasileiro somente em 1936, por meio do projeto de autoria do escritor paulista Mário de Andrade. Até então, os interesses preservacionistas se restringiam a um ou outro colecionador ou intelectual que, de vez em quando, reivindicava a preservação de algum monumento arquitetônico, mas não havia nenhuma preocupação com a preservação do patrimônio popular.

Para Déa R. Fenelon a criação do Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico nacional – SPHAN, em 1937, foi de grande importância e teve a participação dos intelectuais mineiros e paulistas, que tinham como objetivo a “descoberta do Brasil”, valorizando temas, objetos, sons, cores, construções brasileiras, principalmente no interior do país :

(...) Em suas falas e em suas memórias, os intelectuais do Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional – SPHAN, sempre se consideraram não como portadores de uma grande autonomia em relação ao Estado, mas também como vanguardas de cunho liberal que propugnavam a identificação, a defesa, a restauração e a conservação dos grandes monumentos e obras de arte que dariam consistência à chamada cultura brasileira. (...)

(FENELON, 1992 p.29)

Vale ressaltar sua insistência em esclarecer que o interesse em trabalhar a cultura compreendida como expressão de um determinado modo de vida, de uma experiência social, não passa por concepções que proponham descrever ou constatar como se desenvolve esta vida, mas busca desvendar o como e o porquê as pessoas apresentam-se diante da vida, lutam pelos seus sonhos, reivindicam seus direitos.

Perante a valorização em relação à preservação de patrimônios históricos, é relevante considerar as propostas do DPH da Secretaria Municipal de Cultura de São Paulo, em 1992, ao promover o Congresso Internacional do Patrimônio Histórico e Cidadania com intuito de despertar uma conscientização em torno do significado de preservação de patrimônio, numa época em que a descrença tornava-se uma constante no cotidiano da sociedade brasileira. Um dos resultados desse Congresso foi a

publicação de textos selecionados que tratam da discussão ali realizada, a principal meta almejada pelos organizadores de acordo com Maria Clementina Pereira Cunha :

(...) Manifestar publicamente nossa única certeza: a de que o confronto de idéias e o debate livre e criterioso constituem o melhor caminho, seja para o aperfeiçoamento da sociedade em que o “moderno” não negue o passado, e o exercício da cidadania esteja ancorado em memória capaz de afirmar a diversidade e o conflito como dimensões constitutivas da história. (...)

(CUNHA, 1992 p.11)

Através das entrevistas, foi-se revelando como cada entrevistado foi ocupando seu lugar no espaço, inserindo-se na história, lembrando, revivendo, reconstruindo, refletindo sobre suas vidas, sobre as experiências que vivenciaram e que ainda vivenciam, sobre os momentos bons ou ruins, principalmente relacionados à Banda de Música de Cascalho Rico.

O embasamento teórico das idéias de alguns historiadores que desenvolveram discussões relativas à memória, foi realizado numa tentativa de compreender a relação memória / história / patrimônio histórico. Observando as peculiaridades em relação à banda, expostas nos textos das revistas e informes publicitários, desde 1924 e nas entrevistas ,foi possível entrever um pouco sobre que o seja a mentalidade da sociedade cascalhoriquense. Para que se possa compreender a importância e permanência da Banda de Música de Cascalho Rico, essas contribuições teóricas foram de extrema importância contribuindo para o conhecimento histórico.

Procurando responder às questões levantadas e propondo novas indagações, é que os capítulos foram organizados da seguinte forma: no primeiro capítulo, tem por objetivo uma análise do histórico das bandas de música em geral, em especial o surgimento das bandas de Cascalho Rico, desde a 1ª geração, em especial, a banda de Música “Alício Miranda”, sua participação nos eventos sociais e políticos, não só na cidade de Cascalho Rico, mas também em várias cidades vizinhas, assim, como foi relatado os sentidos e as razões expressas nas falas das pessoas entrevistadas em relação à banda de ontem e de hoje.

Já no segundo capítulo foi traçado um pequeno histórico da cidade de Cascalho Rico, bem como aspectos, sociais e culturais, como essa sociedade se organiza, sua fonte de renda, ressaltando as transformações arquitetônicas ocorridas em seu espaço físico, no período de 1924, quando surge a 1ª geração da Banda de Música até o

momento atual, momentos estes em que ocorreram mudanças significativas na cidade de Cascalho Rico. Tentando, por meio das memórias, recompor o que é patrimônio histórico para esses sujeitos históricos, analisando e problematizando as muitas memórias e significados atribuídos por eles em relação à permanência da banda de música, especialmente em sua principal participação nas festas religiosas.

Contudo, pode-se dizer que o objetivo geral dessa pesquisa é compreender o significado que as pessoas de Cascalho Rico atribuem a Banda de Música, uma vez que esta é ao meu ver, um dos patrimônios históricos, ou seja, sua importância e permanência para seus antigos e atuais moradores. Vale ressaltar, que a banda de música faz parte do dia-a-dia de um povo, uma tradição que está ligada ao meio em que se encontra e é o testemunho dos modos de vida do homem de várias gerações, visando assim à continuidade das manifestações culturais.

CAPÍTULO I

BANDAS DE MÚSICAS: Trajetórias, Memórias e Histórias

“A certa altura da vida vai ficando possível dar balanço no passado sem cair em auto-complacência, pois o nosso testemunho se torna registro da experiência de muitos, de todos que, pertencendo ao que denomina uma geração, julgam-se a princípio diferentes um dos outros e vão, aos poucos, ficando iguais, que acabam desaparecendo como indivíduos para se dissolverem nas características gerais da sua época. Então registrar o passado não é falar de si; é falar dos que participaram de uma certa ordem de interesses e de visão do mundo, no momento particular do tempo que se deseja evocar”.

(Antônio Cândido, 1967)

A velocidade do tempo é implacável, daí a necessidade de registrar a história das Bandas Cascalthoriquenses e mostrar sua importância, que há tempos vem trazendo muitas alegrias e significados.

Para os músicos em geral, a banda faz parte da cidade, se tornando um patrimônio público, traduzindo e enfeitando o sentimento que existiu e ainda existe com a música instrumental. Cada integrante se identifica com a Banda, sentem amor, carinho e muito orgulho em serem músicos. Os músicos de gerações passadas lembram-se com saudades das festas, leilões, procissões, bailes, quermesses, alvoradas, carnavais, circos, jogos de futebol, onde a banda sempre se apresentou, tocou e marcou. Acontecimentos expressivos que permanecem, ainda, indelévels na memória.

Herança viva nas sociedades religiosas, as bandas de música sobrevivem, tomando a si o encargo de preservar entre o povo o eco das primeiras notas. De acordo com Henry Raynor em “História Social da Música” :

(...) a história da música é, antes de tudo, parte do vasto e incontrolável complexo que é a história; por sua vez ela pode também ser dividida em departamentos próprios: harmonia, forma e tessitura. É claro que a história dos instrumentos está inextricavelmente relacionada com isso, porque uma história das formas implica o modo pelo qual os vários instrumentos foram utilizados em diferentes épocas, isoladamente ou em conjunto (...). A música só pode existir na sociedade; não pode existir, como também não o pode uma peça, meramente como página impressa, pois ambas pressupõem executantes e ouvintes. Esta, pois, aberta a todas as influências que a sociedade pode exercer, bem como às mudanças nas crenças, hábitos e costumes sociais. (...)

(RAYNOR, 1972 p.09-27)

Portanto, há uma estreita relação entre a produção musical e os significados culturais produzidos pelas sociedades no decorrer do tempo.

Muito pouco tem sido escrito e publicado no Brasil, principalmente em nossa região, sobre a Banda de Música. Embora existiam relatos que apregoem o surgimento das Bandas de Músicas, ainda no século XVIII, antes da Revolução Francesa (1769), podemos dizer que a primeira ouvida no Brasil foi uma Banda Portuguesa, vinda com a corte de D. João VI e desembarcada no Rio de Janeiro em 1808. É bom esclarecer que as bandas de música tomaram corpo na Europa, a partir do ardor revolucionário sob a Trilogia Liberté, Egalité et Fraternité (liberdade, igualdade e fraternidade), quando o povo francês saía para as ruas impulsionado pela música marcial tocada por grupos de instrumentistas. Era a arte colocada à disposição dos ideais da Revolução, aproximando as pessoas e promovendo a mobilização popular. Até então, a música estava mais nos palácios e salões a serviço dos nobres e praticamente não havia grupos organizados de músicos a serviço do povo ou das comunidades. Napoleão Bonaparte, em sua campanha de conquistas, deu mais um empurrãozinho para a popularização das Bandas, ao perceber que elas tinham o poder de induzir as massas para a realização coletiva.

E foi graças a Napoleão que a mencionada Banda Portuguesa veio para o Brasil, pois a Corte de D. João VI deixou Portugal, fugindo da ocupação francesa sob o comando de Napoleão. Assim como muito da produção musical e grande número de músicos eram voltados para as festas e liturgia da igreja católica, as bandas de músicas ao surgirem no Brasil tiveram a mesma motivação e finalidade de prover a música para os atos externos e profanos realizados paralelamente às solenidades internas. Por essa razão a maioria das bandas de músicas têm nome de santo da igreja, com destaque para Santa Cecília, considerada a protetora da arte musical.

Analisando a banda ontem e hoje, comenta Jacy Siqueira :

(...) A banda ontem e o seu futuro”, que bem antes do início da era cristã, já existiam soldados-músicos, assinalando a música em sua presença na vanguarda das tropas guerreiras. Ao correr dos tempos, a música foi se desdobrando em ramos, subindo as escadarias dos palácios, se tornando erudita, servindo às classes dominantes. Espalhou-se pelas camadas populares, ganhando múltiplas formas por todas as manifestações coletivas e individuais, para expressar alegrias e tristezas. (...)

(SIQUEIRA, 1981 p.24)

Hoje em dia, fala-se em música erudita, popular, religiosa, militar e folclórica. Isto, para designar o grau de tecnicismo ou de pureza artística, ou ainda para assinalar o emprego intencional das peças musicais. Segundo o livro “ A História de Porangaba” em: Nossas Bandas Musicais de Júlio Domingues em relação a origem da palavra “banda” :

(...) Sua origem é germânica, deriva de bando. Por exemplo: bando de casamento é a proclamação do casamento. As cornetas e tambores, acompanhando um oficial que fazia uma proclamação, formavam um bando. Nos tempos coloniais era assim que anunciavam os decretos, leis, festividades, etc. Portanto, do bando vieram à banda militar, com cornetas, tambores, pifanos, e desta a banda militar de regimento completo. Conseqüentemente veio a banda de música civil, popularmente chamada de Banda.

(DOMINGUES, 2003 p.196)

A referência a uma corporação já delineada, não escapa à intenção guerreira da mesma, a de marchar à frente dos exércitos, para os conduzir e incitá-los a luta. Segundo REIS (1962), as primeiras bandas surgiram no século XVI, formadas por grupos de músicos que se reuniam para abrilhantar festas palacianas ao ar livre. Por volta do século XVIII, as bandas que já contavam com uma melhor organização sob o ponto de vista artístico, começaram a difundir-se por toda a Europa, especialmente na França, Alemanha e Itália, onde mais floresceu esse gênero de música.

Na França, antigamente, o termo banda designava uma pequena orquestra, os vinte e quatro violinos do rei. De lá também vieram as primeiras medidas concretas destinadas à formação das bandas de música para os regimentos e da Europa até o Brasil o caminho foi moroso como mostra o registro :

Deve o mundo a Napoleão Bonaparte, entre outros grandes serviços, a criação da Academia de Música Militar, que visava a formação de bandas para os regimentos da França, então nas culminâncias da forma e da glória. Mais tarde, a escola se transformou no atual Conservatório de Paris.

(apud.. SIQUEIRA, 1981:20)

A banda de música o Brasil veio da influências da banda de música de Portugal, a qual chegou aqui no rol do legado do nobre povo aos brasileiros, onde se adaptou e ajustou-se às nossas características, adquirindo novos contornos e não desmentindo seu poliformismo.

Em suma, somente a partir do século XIX, que vieram para o Brasil, músicos de todas as raças, com destaque para os negros e, principalmente, os descendentes de

italianos. Foi muito grande a influência dos músicos europeus na formação dos nossos instrumentistas de banda. Por outro lado, já no começo do séc. XX, era comum encontrar no interior deste país, famílias inteiras de músicos, bons executantes, afinados e que chegavam a sustentar toda a banda.

Segundo o dicionário de música, “Banda” é :

(...) O conjunto de instrumentos de sopro, percussão associado originalmente à música. No Brasil, entretanto, impõe-se a distinção entre as bandas civis e militares. A diferença, no caso, é basicamente institucional, as bandas militares, de formação variada, atendem as necessidades da caserna. Já as bandas civis se transformaram em instituição de importância ímpar na vida musical, social e cultural do interior brasileiro. Têm, e, geral, registro em cartório, sede própria, estatutos, escolinha de instrumentistas, arquivo de grande valor comercial, polcas, maxixes, etc., e os compositores locais. Participam da vida da comunidade, tocando em festas, enterros, solenidades; e desempenham, no interior, a função ocupada pelos conservatórios nas cidades. Apresentam-se geralmente com flautim, flauta, requinta, clarineta em si bemol, sax alto e tenor, raramente barítono, saxhorn, contrabaixo em mi bemol e si bemol, trombones, bombo, caixa clara, surdo e pratos. (...)

(ISAACS/MARTINS, 1984)

A banda de música, tal como hoje a conhecemos, é produto do século XIX, ela só alcançou o padrão moderno na Europa na primeira metade desse século, quando aperfeiçoamentos substanciais foram introduzidos nas flautas e nos clarinetes. Ao contrário das bandas de música das milícias, que deixaram atrás de si pistas abundantes e por vezes minuciosas de sua organização e manutenção, as bandas civis contam história quase sempre obscuras. Nem todos os dicionários e enciclopédias dignam-se de falar dessas corporações, lembram apenas os conjuntos palacianos, como os da corte francesa, onde teria surgido a denominação “banda”.

O crescimento das bandas se deve a predileção pelos instrumentos de sopro, ou pela falta de orquestra, pois a mesma banda de música tocava na igreja e animava os bailes. Acrescente-se o fato de ser muito mais fácil, nos povoados e nas pequenas cidades, como Cascalho Rico-MG, sustentar financeiramente uma banda e não uma orquestra. Pode-se dizer que a banda de música é a contrapartida popular das orquestras sinfônicas ou filarmônicas, pois ao contrário destas que atuam principalmente nos salões e teatros, as bandas se apresentam nas ruas, em marcha militar ou em concertos denominados retretas, mais próximo do povo.

Um círculo em volta da cidade de Ouro Preto-MG, registra um número de bandas no estado de Minas Gerais bastante elevado, possa ser explicado pelo fato de que Ouro Preto era a capital do Estado, quando a maior parte delas surgiram. Embora muitas tenham desaparecido, a tradição se manteve e passou por várias gerações, com a criação de outras em seu lugar. Vale ressaltar que muito pouco tem sido escrito e publicado no Brasil, principalmente em nossa região, sobre a banda de música. A banda é um conjunto polimorfo, variando sua configuração de cidade para cidade, de conjunto para conjunto, cada uma com suas memórias e histórias¹.

Por natureza, a banda de música não é elitizável, sendo um equipamento social, se assenta no contexto popular, tem sua seiva vital no seio da massa trabalhadora, na localidade a que a serve e de que se serve. As bandas, porém, convivendo com interesses eleitoreiros dos que as redescobrem a cada temporada de votos e os interesses econômicos dos que ganham com o massacre da tradição popular, sofrendo a omissão de uns e a invasão de sua área de atuação por parte de outros. As leis existentes, concernentes à defesa do patrimônio artístico, às vezes cuidam do produto cultural estático, herdado do passado, mas a dinâmica, viva, rica também em registros históricos está desamparada. As entidades de Bandas de Música não têm garantia alguma, afora a abnegação dos seus responsáveis diretos. Basta o simples capricho de um político mal satisfeito, para uma entidade do gênero não ter seus direitos reconhecidos.

As tradicionais bandas de música estão desaparecendo aos poucos pela mudança dos costumes, falta de incentivos, apoio financeiro e, principalmente, pela influência da mídia eletrônica e às próprias formas de sociabilidade; o passeio na praça, o namoro, as conversas, as apresentações da banda no coreto. Hoje, as praças não têm mais esse sentido, como também o namoro, as conversas, o coreto, houve várias modificações, muitas alternativas para sonorizar eventos e festas, consideradas modernas e menos custosas. Alie-se a tudo isso, a alta tecnologia empregada na produção de CDs, DVDs, aparelhos e instrumentos musicais eletrônicos, computadorizados, com qualidade e recursos excepcionais que permitem a substituição dos músicos. Entramos na era da automação e o instrumentista, que era a figura mais importante nas apresentações

¹ Tive conhecimento do livro Histórias da Banda Santa Cecília de Passagem de Mariana – Ouro Preto, por meio do site “<http://www.ouropreto.com.br>”, entrei em contato com a autora Solange Palazzi Fortes, mas não consegui ter acesso a obra.

públicas, já é totalmente dispensável por muitas pessoas que afirmam que as bandas já desempenharam seu papel.

Na vida de uma corporação musical, mais recentemente, o ponto culminante era participar de concursos de bandas em nível regional ou estadual e obter boa classificação que propiciasse, além do prêmio, a fama, o reconhecimento profissional e a projeção da cidade. Para uma retreta², um concerto, um concurso, a uma disposição de uma banda obedece a um plano técnico, levando-se em consideração o melhor aproveitamento do volume sonoro. Os instrumentos são agrupados por naipes de acordo com suas respectivas sonoridades ou timbres e são, geralmente, colocados em fileiras, começando pelos sons mais agudos até os de sons mais graves, vindo por último os instrumentos de percussão, que ficam colocados à frente ou à direita do regente.

Para desfile ou marcha, além do plano técnico, observa-se o estético em obediência aos regulamentos de formatura a que as bandas militares estão subordinadas (fileiras de três, quatro, seis e de nove). O instrumento musical caracteriza-se por ser um mecanismo que produz sons de natureza musical, contrapondo-se ao aparelho vocal. O instrumento torna a música mais preciosa e definida em virtude das características acústicas e por exigir, em sua manipulação, certa técnica. Os diversos sons que os instrumentos emitem salientam a qualidade sonora com maior nitidez que a voz, influem no comportamento dos indivíduos por motivos pessoais e sociais.

1. Bandas Musicais de Cascalho Rico

A persistência, no espaço e no tempo, de certos fatos ou situações, determina a existência de uma geração, a qual tende invariavelmente a ser substituída por outra. As gerações se sucedem, mas não se separam; portanto é lícito, relatar o histórico das Bandas de Músicas de Cascalho Rico, de 1924 a 2005. A Banda de Música de Cascalho Rico-MG passou por três gerações: Banda do Eloy Miranda – 1924/1933, Banda do Alicio e Facinho – 1942/1976 e Corporação Musical Alicio Miranda – 1985 aos dias atuais.

1.1 Banda de Música Eloy Miranda – 1924/1933

² Audição popular de uma banda musical em praça pública.

A Banda de Música faz parte da memória histórica, cultural e afetiva de Cascalho Rico, e desde 1924, mesmo antes de Cascalho Rico ser município, a Banda, sendo na época uma referência para a sociedade. Para João Teresa, em relação ao histórico da Banda do Eloy Miranda : **(Ver figura 01, em anexo).**

*Segundo o relato do Sr. Estanislau Vieira dos Santos ,na revista “Lá pras Bandas de Cascalho Rico”, Eloy Miranda foi fundador e um dos precursores da primeira banda da cidade. Antes mesmo de se mudar para Cascalho Rico, já tocava com sua banda nas festas tradicionais. Hospedava-se na pensão de Dona Gabriela, única da cidade, onde permaneciam durante o período de festa, residia em Abadia dos Dourados e vinham à cavalo nessas viagens. Após fazer um laço de amizade com o povo, foi convidado para mudar de vez para Cascalho Rico, em 1924, época da inauguração da Banda. De residência nova, tratou de formar novos músicos para completar a sua banda, a qual, três de seus filhos já faziam parte, Eloy Filho, Antônio e Alício Miranda. Mais ou menos em 1933, extingue-se a Banda do Sr. Eloy Miranda, por ocasião de seu falecimento.*³

1.2 Banda do Alício Miranda e Facinho – 1942/1976

De acordo com os relatos contidos na revista: Lá pras bandas de Cascalho Rico, elaborada por João Batista (1996), o Sr. Bonifácio Batista Vieira, popular “Facinho”, amigo do Sr. Eloy Miranda, após conseguir um pistom velho e lavá-lo com caldo de limão, estudando em casa, aprendeu a tocar esse instrumento. Facinho foi dono da primeira jardineira de passageiros e fazia o percurso entre Cascalho Rico e Araguari Enquanto aguardava a viagem de volta, assistia por 30 minutos à aula de música, com o Sr. Pereirinha, professor de música. **(Ver figura 02, em anexo).**

Continuou seu estudo sozinho e após vender sua jardineira, convidou seu amigo Alício Miranda, filho do maestro Eloy Miranda para formar uma Banda. Sendo aceito o convite, o Sr. Facinho foi à Prefeitura de Estrela do Sul- MG, a qual Cascalho Rico pertencia na condição de Distrito Municipal pedindo ajuda financeira, ganhando alguns instrumentos musicais, os quais se encontravam em precárias condições de uso, uma vez que estavam jogados em um depósito de materiais velhos. Juntamente com o Sr. João Turco, proprietário de uma importante loja, conseguiram com alguns amigos o dinheiro para a reforma dos instrumentos. Depois de lavá-los e embalá-los em caixas, embarcou com a preciosa carga para a cidade de Araguari. Viajou de trem para Uberaba

³ Entrevista realizada com João Batista da Silva, militar, residente em Araguari, responsável pela formação da Banda Alício Miranda. Entrevista realizada dia 02 de junho de 2004.

e da estação até a oficina de reforma de instrumentos musicais, o transporte foi realizado em uma carroça de fretes.

Após um longo mês de espera, todos os instrumentos chegaram e estavam novinhos e prontos para o uso. Com o dinheiro arrecadado pelos amigos, pagou toda a reforma e ainda sobrou um pouco para a compra de alguns instrumentos novos. Conseqüentemente, veio a maratona em formar os músicos, pois naquela época, só o Sr. Alicio tinha formação musical. Finalmente, a escolinha foi formada com a mensalidade de 20 mil réis por aluno, a execução dos instrumentos não demorou a despontar interesse na comunidade, pois existia na cidade, vários jovens de ouvidos apurados para a boa música.

Conta o Sr. João Tereza, que em suas andanças com a banda do Alicio e Focinho, viajava muito em carrocerias de caminhão com poeira, e antes de chegarem ao local da festa, tinham que descer em um córrego qualquer, para tirarem a poeira, pentear os cabelos e se arrumar, pois não ficava bem para os jovens músicos chegarem sujos e despenteados, principalmente com a presença das mocinhas que esperavam ansiosas pelos “galãs” da banda. É interessante observar nas figuras 1e 2 em anexo, o cuidado apresentado nas poses e vestimentas dos músicos.

A primeira festa que a Banda Alicio e Facinho se apresentou foi em Dolearina, também Distrito de Estrela do Sul- MG. O percurso foi feito a pé por alguns integrantes e a cavalo por outros, carregando seus instrumentos. Conta-se que a Banda fez grande sucesso. Durante os 10 dias em que tocou na festa na Igreja Matriz de Araguari-MG, cidade vizinha a uns 49 Km de Cascalho Rico, agradou a todos o seu repertório variado. Em Estrela do Sul, também não foi diferente, a banda tocou 09 dias durante as novenas e festas da época. Segundo o Sr. Facinho, muitas pessoas se emocionavam em vê-los tocar, uma vez entoavam a valsa “Saudade de Ouro Preto”. Já em Cascalho Rico, conta-se que infelizmente, um senhor chamado Gregório, não resistindo a tanta emoção por gostar muito da música, veio a falecer.

Com a mudança do Sr. Facinho para Uberlândia, em 1947, a Banda continuou se apresentando sob a direção do Sr. Alicio, até 1976, ano em que veio a falecer. Após sua morte, houve a tentativa da continuidade da banda pelos músicos, Antônio Eustáquio Cardoso, atual maestro, e Wagner José Francisco, ainda músico, contudo, a intenção foi válida, mas, não foi possível continuar e a Banda acabou.

1.3 Banda Alício Miranda

Com as reivindicações do povo em relação a uma banda de música, o ex-prefeito Célio Resende fez um convite ao senhor João Batista, também músico, para criarem uma nova banda. Segundo o relato de João Batista da Silva : **(Ver figura 03, em anexo).**

Estendi o convite ao meu amigo Antônio Eustáquio Cardoso e foi com grande alegria que firmamos o contrato com o prefeito. Sabíamos que não seria tarefa fácil, mas tínhamos a certeza de que, com o nosso amor pela música e à nossa terra, chegaríamos lá. Em relação ao repertório, achamos algumas partituras do Alício jogadas no porão da velha prefeitura, as músicas que guardei na cabeça, tratamos de passa-las para o papel. Foi um trabalho intenso por parte de todos nós. Finalmente, aos 27 dias do mês de dezembro do ano de 1985, abrimos o desfile de aniversário da nossa cidade e daí pra frente, só nos restava aprimorar o que já estava pronto e manter a admiração de nosso povo pela nova banda. A banda é convidada para tocar em várias cidades em diversos tipos de eventos, é bastante solicitada, sempre com responsabilidade de fazer uma belíssima apresentação e elevar o nome da cidade. Participamos de vários encontros de bandas, aniversários de cidades vizinhas, festas religiosas e vários outros.⁴

Com a compra dos instrumentos pela prefeitura, tocaram durante as novenas da festa de junho de 1985, com alguns músicos que integravam a Banda de Alício. A primeira aula ocorreu no salão da igreja à Praça São João Batista, dia 02 de junho de 1985, data de aniversário da criação da banda, onde contava com mais de cinquenta alunos de ambos os sexos e várias faixas etárias, situação esta que não existia na banda do Alício, pois as mulheres não tinham seu devido espaço para ser integrante da banda. Parecia uma tentativa de recriar ou de reeditar a antiga banda de Alício Miranda e Facinho.

Em muitos lugares as bandas ainda espalham alegrias com suas marchas e dobrados. Reuniam-se agricultores, trabalhadores rurais, gente do comércio, ou seja toda população. Já pararam para ver a banda passar ? Já ouviram as marchas alegres se espalhando pelas ruas, pelas praças ? Esse é um costume cultivado em Cascalho Rico, nas festas, missas, dias santos onde o povo se arruma, a cidade se enfeita, e tudo pára para ver e ouvir a banda passar.

A Banda de Cascalho Rico, “Alício Miranda”, tem 30 integrantes, foi criada em dois de julho de 1985 e inaugurada no dia 27 de dezembro de 1985 no aniversário da

⁴ Entrevista realizada com João Batista da Silva (João Tereza).

cidade, quase todos homens e mulheres que nasceram e cresceram nesta cidade, jovens, vovôs, pessoas de vida diferentes, mas que encontraram na Banda um sentimento em comum. Entretanto, em Cascalho Rico, a banda de música não tem nome religioso, ao contrário das demais, surgiu para homenagear pessoas que fazem parte da história da banda e da comunidade.

Um dos fundadores é João Batista da Silva (João Teresa), que além de músico, é maestro e acima de tudo um apaixonado pela banda. Segundo ele, era criança e onde a banda passava, lá estava ele, seguindo a banda. movido pela paixão, João Batista resolveu montar uma revista contando a história da Banda de Música da cidade, reuniu fotos, nomes e datas, revista esta que tanto me auxiliou nesta pesquisa.

A primeira banda de Cascalho Rico começou a tocar na década 20, a segunda nos anos 40 em um tempo onde a cidade não passava de um grupinho de casas em torno da praça. A banda atual fundada em 1985, já é a terceira da história da cidade. Durante duas vezes por semana, os músicos se encontram para ensaiar e treinar novas músicas, por meio de aulas teóricas e práticas.

Desde 1914 a banda municipal se tornou referência para a sociedade. Em 07 de Abril de 2003, o Conselho Municipal do Patrimônio Cultural de Cascalho Rico, notificou o tombamento do bem móvel denominado instrumentos musicais da Banda Municipal Alício Miranda na Lei Municipal nº 019/97, decreto nº 006/2003. Em conversa informal com algumas pessoas, ficou bem claro a insatisfação das mesmas pelo fato de que ao tomar alguns instrumentos originais da banda, referendaram não só o interesse de preservação, mas almejaram principalmente a arrecadação de verbas para a prefeitura, verbas essas que na maioria das vezes não são gastas com os bens tombados.

Os instrumentos tombados hoje ficam na sede provisória da banda, que é o centro de convivência da 3ª idade, sendo o acervo tombado composto de cinco instrumentos de sopro: trombone de pisto, dois bombardinos, trompete e contrabaixo São metálicos e alguns possuem teclas de madre pérolas, os menores são desmontáveis em partes e são acondicionados em estojos pretos com divisões, todo instrumentos da metade do século XX. Em 2000, a Banda Municipal foi matéria de maior destaque do programa do Globo Rural, da Rede Globo de Televisão, documentário este, que me auxiliou nessa pesquisa.

Além da ala de percussão, a banda conta com saxofones, trombones, trompetes, bombardino e clarineta, não são todos instrumentos que são tombados. O repertório da banda gira em torno de marchas, valsas, bolero, baião, xote, samba, toada, músicas carnavalescas, hinos cívicos e religiosos e, principalmente os dobrados. Segundo o ex-maestro da banda, em relação à formação dos músicos a maioria aprendeu teoria musical, alguns elementos aprenderam apenas ouvindo, no entanto, não são profissionais trabalham durante o dia e ensaiam à noite, entretanto, recebem uma gratificação da prefeitura de 1/2 (meio) salário mínimo, em algumas famílias todos são músicos, pai, mãe e filhos.

Heleno Sebastião Marques relata que o principal motivo da permanência da banda é o gostar de tocar, o reconhecimento por ser músico :

(...) sempre morei em Cascalho Rico, comecei a tocar em 1985, lembro muito bem da banda do Alício, pois vivia correndo atrás da banda, todos na minha família é músico Hoje mesmo se não ganhasse nada, estava tocando a mesma coisa, a gratificação ajuda ,mais não é tudo. Através da banda conheci Belo Horizonte ,vários lugares através da banda , coisa que nunca tive oportunidade. Nós ,é assim, qualquer lugar que chama nós estamos indo.. Acho muito bom tocar nas festas religiosas, nosso ex-maestro falava: Onde passa uma banda, o caboclo olha nem que seja de raiva.⁵ (...)

Essa fala demonstra que a banda de música tem um significado muito importante para o músico, pois o mesmo sente-se bem em fazer parte da corporação, conta suas histórias com grande entusiasmo e procura deixar claro seu amor pela banda, que segundo ele , faz com o mesmo seja reconhecido não por ser trabalhador braçal, mas sim por ser músico e por ter a oportunidade de conhecer “vários lugares”.

Para garantir a banda do futuro, o maestro dá aulas para a garotada da cidade, alguns já tocam na banda junto com os adultos. Integrante da banda, da 2ª geração, Wagner Gonzaga toca de ouvido desde pequeno, bem humorado e de bem com a vida, trabalha na prefeitura como coveiro. Outro integrante, é o senhor Luís Gonzaga (Luís Patroleiro), ex-trombonista da banda, ex-funcionário da prefeitura, trabalhava como maquinista, consertando as estradas de terra, embalado por canções que ele mesmo compunha.

Todos eles mantêm uma tradição da cidade, região e de vários lugares do Brasil, herdeiros de uma história antiga. Segundo, Roberto Faria, maestro da banda Sinfônica

⁵ Entrevista realizada com Heleno Sebastião Marques, músico da banda desde a 2ª geração, natural de Cascalho Rico. Entrevista realizada dia 17 de março de 2005.

do Estado de São Paulo, em uma reportagem realizada pelo globo rural São Paulo, junho/2000), o primeiro registro da origem de banda semelhante à de Cascalho Rico é de 1554, quando se dá conta de um agrupamento musical constituído de sopros e repercussão numa recepção a um jesuíta no Porto de Santos. Essa banda era constituída de índios e portugueses, a maioria portugueses, com apenas alguns índios, ainda no período colonial, grandes fazendeiros mantinham bandas particulares que misturavam músicos europeus e africanos. Em geral, partituras e instrumentos vinham da Europa, os militares também foram importantes para popularizar a banda, infantaria, polícias, fuzileiros navais, cada corporação formava músicos e mantinham seu próprio grupo.

De acordo com os relatos na reportagem realizada pelo globo rural (São Paulo, junho/2000), com a imigração no final do século XIX, as bandas se consolidam, principalmente no Sul e Sudeste do país. Além de tocar, muitos imigrantes sabiam fabricar os instrumentos. O reinado do dobrado se estende à banda de música, que, no tempo do “milagre econômico”, sofreu duro golpe: a fadiga do interesse do público recondicionado pela mídia que vai fundo na cultura. O país voltado para o PIB esquece o país do povo. Mas aconteceu que a MPB – Música Popular Brasileiro reagiu e nova geração universitária retomou a tarefa de forma tão imediata e se fez mediante os festivais da TV Record, de São Paulo, que acabaram empolgando todo o Brasil.

O II Festival de Música Popular Brasileira em 1966, premiou e tornou nacionalmente conhecida “A Banda” evocação poética-musical das corporações, de Chico Buarque de Holanda. A partir de então essa canção se tornou o símbolo da resistência da banda de música ao indiferentismo, e não há banda de música no Brasil que seja pequena ou grande, civil ou militar, que não a tenha executado.

A banda (Chico Buarque – 1966)

*Estava à toa na vida
O meu amor me chamou
Pra ver a banda passar
Cantando coisas de amor
A minha gente sofrida
Despediu-se da dor
Pra ver a banda passar
Cantando coisas de amor*

*O homem sério que contava dinheiro parou
O faroleiro que contava vantagem parou
A namorada que contava estrelas parou
Pra ver , ouvir e dar passagem*

*A moça triste que vivia calada sorriu
A rosa triste que vivia fechada se abriu
E a meninada toda se assanhou
Pra ver a banda passar
Cantando coisas de amor*

*O velho fraco se esqueceu do cansaço e pensou
Que ainda era moço pra sair no terraço e dançou
A moça feia debruçou na janela
Pensando que a banda tocava pra ela*

*A marcha alegre se espalhou na avenida e insistiu
A lua cheia que vivia escondida surgiu
Minha cidade toda se enfeitou
Pra ver a banda passar cantando coisas de amor*

*Mas para meu desencanto
O que era doce acabou
Tudo tomou seu lugar
Depois que a Banda passou*

*E cada qual no seu canto
Em cada canto uma dor
Depois da banda passar
Cantando coisas de amor.*

A música “A Banda” de 1966, descreve o cenário de pequenas cidades como Cascalho Rico, onde ainda hoje, depois de 39 anos, muita gente se identifica com esta música. Esta música é bastante executada pelos atuais músicos, considerada pelos entrevistados uma das músicas mais bonita e que retrata bem a cidade de Cascalho Rico.

De acordo com relatos do Sr. João Teresa, desde criança tem demonstrado um espírito alegre e voltado para a boa música :

Isso veio desde criança, eu tinha 6 a 7 anos, levantava de madrugada para assistir a alvorada da banda do Alício, nos ensaios era mais fácil um músico perder os ensaios do que eu. Sentava num cantinho e assistia todos os ensaios, aquilo pra mim a música estava dentro de mim, enquanto eu capinava na roça, sabia cantar quase todas as músicas, o que mais sonhava era tocar na banda. E um dia aconteceu, fui assistir um dos ensaios do Alício, já rapaizinho e (...) com isso faltava fazer um ritmo, eu peguei um surdi e comecei a fazer um ritmo e ele descobriu que eu sabia tocar, aprendi só de ouvir os ensaios, não tive aula teórica. Sou músico desde 1965 e estou nessa vida até hoje como maestro de banda. Pra mim, ser integrante da banda tá no sangue, eu me sinto rico em ser um elemento da banda, eu vivo a música, vivo da música e não gostaria que a banda acabasse, ela é como se fosse minha filha, tenho uma grande estima pela banda e uma grande amizade pelos músicos. Fazer parte da banda me envolve, envolve minha vida inteira, quando era novo, quantas vezes a gente deixou de conquistar um namoro para dedicar exclusivamente à banda, esse sentimento não tem medida. Um evento muito importante que a banda participa, é nas festas religiosas, a banda tem a função de trazer alegria, enfeitar a festa, o envolvimento é tão grande que os músicos não se sentem obrigados a tocar pela tradição, mas por gostar, sentem prazer em tocar.⁶

A música aparece entrelaçada ao viver, no cotidiano do trabalho. Por outro lado, fazer parte da banda requer dedicação e abnegação. O que é compensado pelo envolvimento da “vida inteira”...

A principal apresentação da Banda ocorre nas festas religiosas de São João Batista, Padroeiro da cidade, no período do dia 14 ao dia 24 de junho. As 4:00 horas da manhã, a banda se prepara com todos os integrantes animados para começar a festa. A madrugada começa com um belo banquete, um cafezinho com vários tipos de “quitandas caseiras”⁷, feitas e oferecidas pela população, onde vão parentes, amigos e logo depois acontece a alvorada, que percorre as principais ruas da cidade.

À medida que a banda avança, luzes se acendem, janelas e portas se abrem, a cidade de Cascalho Rico acorda para mais uma festa de São João. Com um repertório bem variado, músicas populares e religiosas, a banda participa de dois momentos

⁶ Entrevista realizada com João Batista da Silva.

⁷ Palavra usada pelos moradores de Cascalho Rico quando referem-se aos vários tipos de massas, como bolos, roscas, pão-de-queijo, biscoito, etc.

fundamentais da festa. Além de acordar a cidade, fecha o evento mais tarde, à noite, tocando no coreto da igreja, durante os onze dias de festa. Do dia 23 de junho para o dia 24, acontece outra alvorada para o encerramento da festa, terminada a alvorada, já durante o dia, começa o movimento na praça, jovens e crianças se divertem, com sons altos, pessoas jogando baralhos, tomando sorvete e descansando no banco da praça São João, em frente à igreja.

Quando cai a noite, todos se arrumam, é nessa época de festas que todas as famílias compram roupas novas para usarem nos dias de festa principalmente no mês de junho, participam da missa em louvor a São João Batista (padroeiro da cidade), em seguida vem a procissão, ao som da banda com as pessoas saindo da igreja carregando imagens dos santos e velas, percorrendo as principais ruas da cidade e músicos uniformizados, uma tradição herdada das bandas militares.

De vez em quando, a banda pára de tocar e as pessoas cantam e rezam o terço, de volta para a igreja é hora de erguer o mastro com a imagem do padroeiro da cidade. Essa tradição atravessou o século, os instrumentos nas ruas, a cidade em festa, além de toda essa diversão, a banda sopra também um sentimento muito especial em seus integrantes: a auto-estima, o orgulho de construir com a música a própria história do povo de Cascalho Rico. Segundo, João Teresa: “a banda é a própria identidade de uma cidade, ela mostra o que aquele povo é, o que sabe, o que pode fazer de bom, pois o objetivo da banda é levar alegria”.

Conta também um caso engraçado que aconteceu com eles em uma apresentação da banda :

(...) Meio engraçado e um pouco trágico, a banda saiu um domingo à tarde, muita chuva, na carroceria de uma camioneta, pra inaugurar a Escola dos Macacos, na zona rural de Cascalho Rico. Teve churrasco, a banda tocou, inauguraram lá e aí a camioneta que havia levado a banda foi embora e esqueceu todo mundo lá. Lá pela meia noite resolvemos ir embora à pé, carregando todos os instrumentos, hoje achamos engraçado, mas chegamos em Cascalho Rico de manhã cedo todos molhados.⁸

A entrevista de José Paulo da Silva é bastante significativa haja vista que ele é um dos integrantes desde a 2ª geração da banda :

Aos 17 anos de idade vim pra Cascalho Rico e já comecei a tocar na banda do Alício, sempre tive uma inclinação para tocar instrumento, gosto mesmo. Nessa época a gente não recebia todo mês aquela

⁸ Entrevista realizada com João Batista da Silva.

quantia, a gente recebia por festa. Por exemplo, na festa de junho, nós recebia dos festeiros para tocar nas festa. Havia ensaio mais não é igual hoje, pois tinha aula só de ouvido e eu sou muito bom de ouvido, aprendi num instante Fiz uma entrevista quando fui tocar em Uberlândia e essa entrevista foi lá pra Belo horizonte afora. Acho muito importante e sinto orgulhoso em ser músico, a banda é uma animação, muita gente gosta , mais tinha que ter mais apoio tanto do povo como da prefeitura e se não fosse o João Tereza e o Tõezinho, dois jovens que nem em sonho pensou em ser responsáveis pela continuidade da banda, ela não existia mais.⁹

A banda de música Alício Miranda, observando os relatos passou por vários momentos importantes, eventos, inaugurações de escolas, asfalto, aniversários, visitas de políticos considerados ilustres na cidade. Diante dessas argumentações pode-se perceber como a memória das várias histórias da banda está presente nos moradores de Cascalho Rico. Sendo assim, a banda acaba fazendo parte da vida daquelas pessoas, na medida em que ela tem para elas um significado, tanto de permanência como de perda.

⁹ Entrevista realizada com José Paulo da Silva, trabalhador braçal, natural de Grupiara, morador de Cascalho Rico e integrante desde à 2ª geração da banda.

Segundo relatos de moradores de Cascalho Rico e da cartilha “Cascalho Rico – 50 anos”, elaborada pelo Sargento Avenir Barbosa (1998) :

(...) Em 1743, o Coronel Antônio Pires Campos edificou na região conhecida hoje como Triângulo Mineiro, três aldeias para a concentração de índios: Santana, Pissarão e Rio das Pedras. As margens do Rio das Pedras pertenciam à tribo dos Bororos, a aldeia era constituída de casas dispersas, espaçosas e altas, cobertas de sapé, no entanto de difícil acesso, pois a área do município se localiza dentro de uma depressão, bastante montanhoso e com grandes elevações. (...)

(BARBOSA, 1998 p.06)

A cidade de Cascalho Rico foi edificada aproveitando o espaço ocupado pelas ocas da tribo, esta escolha se deu pelo fato de ficar a pouco mais de quinhentos metros do córrego e bem no alto do morro. No centro da praça, formada por cabanas, foi construída uma igreja com uma imagem de São João Batista trazida pelos índios por volta de 1745. O arraial funcionava também como posto de fiscalização, contornado por valores que faziam passagem obrigatória para os que demandavam de Goiás, ou vice-versa.

Há, contudo, uma versão popular para a origem da cidade, baseada na existência da imagem de São João Batista, e que a tradição diz ter sido trazida pelos índios, que haviam subtraído de outra tribo de Mato Grosso e trazida para a região. Contam ainda que a tribo mato-grossense se organizou e veio ao aldeamento, retornando com a imagem. Inconformados, os habitantes do Rio das Pedras foram em expedição de guerra ao Mato Grosso. Depois de grandes lutas resgataram definitivamente a imagem do santo, que é hoje padroeiro da cidade.

Em 06 de outubro de 1890, o decreto lei 199 eleva a distrito de Paz, pertencendo ao município de Estrela do Sul. O nome Rio das Pedras foi alterado pelo decreto lei 843 de 07 de setembro de 1923, para finalmente Cascalho Rico. Politicamente dependente da cidade de Estrela do Sul, que também era sede da Paróquia de nossa Senhora Mãe dos Homens. Hoje, Estrela do Sul fica a 38 Km de distância de Cascalho Rico por ligação rodoviária, antes a distância era menor, pois o caminho era traçado em linha reta, contudo, as dificuldades eram incomparáveis as atuais. Assim, somente grandes acontecimentos, tais como casamentos, batizados ou julgamentos faziam com que as pessoas se deslocassem até a cidade de Estrela do Sul. Era tão difícil o acesso das pessoas para as cerimônias religiosas quanto para o padre de Estrela do Sul para

Cascalho Rico, mas esta circunstância não tirava em nada a fé das pessoas. A emancipação de Cascalho Rico se deu em 27 de dezembro de 1948 como município desmembrado de Estrela do sul, pelo decreto lei 336 e sua instalação se deu em 1º de Janeiro de 1949.

Existe um fato muito descontraído em relação a população de Cascalho Rico, encontrado na cartilha “Cascalho Rico – 50 anos” escrita pelo sargento, Avenir Alves Barbosa, editada no ano de 1998 :

Em 1928, aconteceu um fato pitoresco em Cascalho Rico, com o comentário sobre a revolução que veio acontecer em 1930, a expectativa do povo de Cascalho Rico eram imensa, todos estavam apavorados com a situação e o pânico tomava conta de todos. Nestas circunstâncias um senhor muito querido da população, brincalhão, alegre e, porque não dizer, um dos maiores promotores de acontecimentos alegres de Cascalho Rico, promoveu junto com alguns amigos uma brincadeira. Era tardinha, o sol já começava a se esconder, reuniram-se e foram para o alto da cidade munidos de clarins, tambores, matracas, foguetes e bombas. Começaram então a dar rajadas, soltar bombas, tocar tambores e clarins e o povo desesperado corria de um lado para o outro em busca de abrigo e socorro. Contam que um senhor obeso e manco, de nome Barnabé, que morava no beco do Barro Preto, ao sair apavorado acompanhado de sua esposa, caiu dentro de um buraco. Um grupo de pessoas saíram correndo em direção a uma chácara, a qual para chegar teria que passar em uma pinguela sobre o Rio das Pedras, muitos perderam seus sapatos. Contam também, que um fazendeiro, conhecido como Varjão, que estava chegando para fazer compras, apavorado, retornou até a fazenda a galopes, não conseguindo ficar na fazenda, fez o trajeto por várias vezes, cansando três cavalos. Após descobrirem que o autor da brincadeira era o Sr. Elpidio de Carvalho e outros companheiros, levaram de imediato o acontecimento ao conhecimento do Sr. Cel. Aureliano Machado dos Santos, autoridade máxima da cidade na época, mas como o Sr. Elpidio de Carvalho não era nada bobo já havia participado o Sr. Coronel da brincadeira.”

(BARBOSA, 1998, p.21)

A primeira escola foi fundada em 1905, pela prefeitura de Estrela do Sul, pois nesta época, Cascalho Rico não havia se emancipado. As salas de aula funcionavam em casas particulares, e até mesmo nas residências dos professores, em regime separado por sexo. Com a construção do prédio da escola em 1952, Arédio Santos, primeiro prefeito da cidade, inaugurou o grupo escolar “Benedito Valadares”, nome de um dos governadores de Minas, onde hoje funciona a escola atual.

Atualmente a cidade possui apenas o prédio da escola Estadual “Benedito Valadares”, com 130 alunos do ensino médio, o qual funciona também a escola

Municipal “São Judas Tadeu”, com aproximadamente 338 alunos do ensino infantil e fundamental.

Um elemento importante na história de Cascalho Rico, consiste no chafariz localizado na área central da Praça São João Batista, onde este foi o palco para os eventos políticos desde épocas passadas, segundo informações colhidas na Revista “Lá pras Bandas de Cascalho Rico”, onde visitantes políticos de renome nacional, como Francelino Pereira, Rondon Pacheco, Bias Fortes, se reuniram em torno do chafariz por meio de discursos inflamados, ao som da Banda de Música.

O chafariz era o local de distribuição gratuita de água para a comunidade, a água era captada do Ribeirão Rio das Pedras, conduzida por um rego d’água com vários quilômetros até um carneiro hidráulico que bombeava à água até o reservatório. Contudo, com a erosão dos barrancos do córrego, acabou-se com o açude e com isso findou a água do chafariz. Diante de tal situação, cada morador foi obrigado a furar a sua própria cisterna, no entanto devido a água ser salobra, era trazida água do córrego para beber.

O abastecimento de água na cidade, foi resolvido durante a gestão do ex-prefeito Célio Carvalho, com a entrega de água a domicílio pelo caminhão pipa e finalmente pela Copasa, empresa fornecedora de água. Hoje o chafariz se tornou um bem patrimonial tombado, protegido por lei apenas no papel, todavia, não é um bem preservado pelos dirigentes políticos e nem pela população em geral, sendo alvo de pichações locais, o qual serve de lixeira para muitas pessoas.

Como não havia energia elétrica em nossa cidade, os proprietários de bares possuíam motores estacionários para fornecer energia para as geladeiras e sorveterias e também para a iluminação do estabelecimento. Na rua em frente, o bar oferecia a iluminação para o famoso vai e vem, local de passeio das moças e rapazes, os quais ficavam enfileirados do lado de cima e de baixo, e as moças caminhavam de um lado ao outro, e os rapazes ficavam só admirando na tentativa de encontrar uma namorada. Além disso, o bar possuía um sistema de alto-falantes e um estoque variado de discos, de onde se podia ouvir e oferecer músicas aos aniversariantes e enamorados. Atualmente a diversão dos jovens não é mais o vai e vem, mas sim bares, boate e as festas religiosas tradicionais da cidade.

Havia famílias inteiras que cantavam e tocavam violão, existiam também os seresteiros que aproveitando as noites de lua cheia, enchiam de emoções as ruas com suas canções. Os arranchados ou embarracados eram denominações dadas às famílias do meio rural, que vinham de carro de boi para assistirem às festas religiosas. Acampavam em barracas feitas de pano de colheitas ou de folhas de babaçu, o povo ficava encantado ao vê-los chegar com os carros de boi cantando e enfileirados, anunciando o começo da festa.

No mês de junho, não podiam faltar as quadrilhas, o tradicional casamento caipira e os vendedores ambulantes locais e de cidades vizinhas. De acordo com alguns relatos o que se observa é que hoje em dia as pessoas já não são tão motivadas com antes, percebe-se a indignação de alguns. A antiga igreja, onde a festa era realizada, construída pelos índios foi demolida na década de 50, motivo este, todos desconhecem. Vários eventos foram realizados com objetivo de construir a nova igreja tais como: moças que trajavam à moda cigana para angariar fundos para a construção, teatros amadores com a participação de professores e alunos, assinatura do livro de ouro, onde as pessoas de classe alta doavam altas quantias em dinheiro, festas com barracas e leilões em geral, doações de gado e concursos de rainhas e princesas.

O coreto foi construído bem depois da igreja. Antes do coreto atual, a banda de música fazia suas apresentações em um coreto de madeira, todo forrado de pano, o qual em épocas de festas era construído pelos festeiros e depois pelo maestro Alício Miranda, com objetivo fundamental para ver e ouvir a banda de música tocar. O badalar dos sinos da igreja é ouvida a quilômetros de distância devido à sua qualidade rara de som, além de anunciar o horário das missas, como também, todos os eventos da cidade, até mesmo ocasiões fúnebres, como falecimento.

Até 1955, Cascalho Rico não possuía iluminação pública, o gerador de energia era movido por um motor estacionário, o qual era ligado às 18:00 hs e desligado às 23:00 hs, podendo prolongar por mais tempo aos sábados e domingos, principalmente nos dias de festas. Todo o trabalho de instalação do motor-gerador e rede elétrica das ruas e residências, foi realizado pelos irmãos Mordente, José e Antônio de Araguari.

Com o desgaste do motor e rede elétrica, tornou-se inviável e oneroso sua manutenção. Porém mesmo com as dificuldades financeiras do município, o ex-prefeito Adebardo Carlos de Araújo (1968-1969), conseguiu o contrato com a Cemig, empresa

forneecedora de energia elétrica, e iniciou-se a iluminação definitiva de nossa cidade, a qual foi concluída pelo seu sucessor, Antônio Borges Vieira (Tonico) em 1972.

Cascalho Rico era rica em diamantes, derivado do leito dos rios Bagagem e Paranaíba, de onde foram extraídas várias pedras preciosas de rara qualidade e expressivo peso em quilates. Seus solos poucos férteis, montanhosos e com muitas pedras tornou a agricultura um desafio a quem se aventurava. O garimpo de diamantes foi o responsável pelo nome Cascalho Rico. As casas de pau a pique, construídas rústicamente, eram as moradias da maioria das pessoas, as quais não possuíam um referencial de conforto, preocupavam apenas com suas necessidades básicas: comida e moradia. Hoje Cascalho Rico tem como principais atividades econômicas a agricultura e a pecuária.

Na década de 80, a construção da represa de emborcação mudou muito o município, com a perda da área e as atividades de lazer que começam a surgir, pessoas de várias cidades vizinhas, construíram ranchos à beira da represa para descansarem nos feriados e finais de semana, fazendo de Cascalho Rico uma cidade turística.

2. Múltiplos significados da Banda de Música Alício Miranda

Associando o patrimônio histórico à memória, em especial a banda de música, recorremos ao historiador francês Pierre Nora, que utiliza da expressão “Lugares da memória” para designar os lugares onde a memória encarnou e permaneceu, seja pela vontade dos homens, seja pelo trabalho dos séculos, e com importantes símbolos nacionais, representam lugares onde a memória se corporifica como forma de resguardar algo que tende a ser esquecido, caso não seja preservado ou resgatado.

2.1 Os contrastes em relação ao Patrimônio Histórico

O patrimônio cultural representa as expressões individuais ou coletivas do processo de vivência humana, e constitui significativa fonte de informações referenciais sobre o modo de vida e o saber fazer das comunidades, não se restringindo aos aspectos excepcionais, e compõe-se de elementos representativos dos diversos segmentos sociais.

No entanto, para o Sr. Antônio Eustáquio, maestro da banda, as pessoas não tem um devido conhecimento em relação ao significado de patrimônio histórico bem como sua preservação :

A conservação do patrimônio histórico é importante demais, tanto para a cidade como para a comunidade, principalmente para as novas geração. Meus filhos tem coisa que eles não conheci, porque hoje já acabou e nós não podemos deixar isso acontecer com nossa banda de música, que é um dos patrimônio histórico. Temos que voltar as tradições, criar novas escolas mirins de músicas, fanfarras, desfiles. Eu me lembro nos desfiles nós marchava na terra, a hora que terminava o desfile nós estava tudo sujo de terra, né? E aquilo era uma beleza, tinha os soldados que ensinava nós a marcha, era muito bacana. O nosso patrimônio está bastante desdeixado, pouca gente tem conhecimento e pouca gente dá valor, deveria começar a conscientização nas escolas, ter reunião com os pais, para passar pra eles o que vem a ser isso. Uma coisa que me deixa muito triste, é a destruição do antigo prédio onde funcionava a prefeitura, onde lá era a sede da banda, lá nós ensaiava, guardava nossos instrumentos, ou seja, tinha nosso cantinho. Hoje não temos um lugar fixo para a banda guardar seus instrumentos, troféus, as partituras. Espero que as autoridade olhe para a conservação da banda e que as pessoas dê mais valor, a banda de música é uma relíquia. Hoje, por exemplo, temos os instrumento da banda tombados, mas não temos uma rigorosa fiscalização para com o dinheiro que é repassado para a prefeitura e nada é feito em prol da banda.¹⁰

Nas narrativas orais coletadas relativas a banda de música percebe-se nitidamente que há uma grande preocupação em relação às tradições que são permeadas por um saudosismo resultante do conhecimento de que algo se perdeu.

Segundo Célio Resende, ex-prefeito de Cascalho Rico e que em seu mandato ajudou na compra de mais instrumentos para a banda :

A banda de música na minha época da juventude era extremamente importante, quando subia as escadas do coreto para tocar suas músicas nas festas religiosas, o povo se encantava com a banda, saíam da igreja as pressa para ter o privilégio de ver e ouvir a banda. Hoje a população não dá o devido valor que ela merece, um exemplo disso é que hoje muitas pessoas deixam de ouvir a banda para ir para o salão comunitário, onde são realizadas as festas e dançar ao som de bandas eletrônicas contratadas pelos festeiros, para chamar mais gente para a festa. As pessoas hoje desconhecem a história de Cascalho Rico, não sabe valorizar o que tem de bom e que se continuar assim, um dia pode acabar.¹¹

A banda de música reflete o espírito associativo do povo, organizações humildes, por vezes extremamente simples estão presentes em festas públicas, procissões, comemorações cívicas e outros momentos da vida comunitária. Daí a importância social de que reveste no exercício de suas bem definidas funções: associativas, beneficentes, assistenciais. A pesquisa exaustiva pode levantar o histórico dessas bandas , como a

¹⁰ Entrevista realizada com Antônio Eustáquio Cardoso, maestro, integrante desde a 2ª geração da banda, residente em Cascalho Rico. Entrevista realizada dia 21 de Agosto de 2004.

¹¹ Entrevista realizada com Célio Resende, ex-prefeito de Cascalho Rico, natural dessa cidade. Entrevista realizada dia 17 de agosto de 2004.

banda Alício Miranda de Cascalho Rico, mas nem sempre consegue chegar às fontes primeiras, onde às vezes restam-nos notícias escassas. A banda de música serve aos lares e às devoções do povo, portanto tem seu quinhão na história da música popular brasileira.

Vale mencionar que quando as pessoas falam dos eventos em Cascalho Rico, como por exemplo as festas religiosas, ressalta a importância que a banda de música possuía junto à sociedade cascalhoriquense, onde executava suas músicas e as pessoas participavam de forma massiva. Partindo da análise de alguns depoimentos, muitos demonstraram que ocorre um descaso, em relação a preservação da banda, não só por parte dos agentes institucionais, mas também por parte da sociedade- a qual não possui um esclarecimento quanto à importância da preservação de um bem patrimonial e se mantém alheia às transformações que acontecem na vida social contemporânea que se apropria e acrescenta novos significados ao que é preservado.

2.2 Encantos e Desencantos em relação à Banda Alício Miranda

Em relação as festas religiosas que acontecem na Igreja de São João Batista, padroeiro da cidade, os entrevistados relataram o modo como eram realizadas em épocas anteriores, apontando algumas das transformações ocasionadas pelas relações econômicas e sociais. No entanto, apesar das transformações, a tradição e o significado da banda tanto nas festas, como à participação da população se conserva, todavia sem ter a participação de todos, continuam a ser transmitidos às gerações futuras, pois algumas pessoas ainda permanecem fiel à sua memória e à conservação de seu patrimônio histórico.

Essa emoção esteve patente no depoimento de Luzia de Fátima Araújo, professora, natural de Cascalho Rico, quando relembra sua infância :

A banda Alício Miranda é tradicional na cidade de Cascalho Rico. Desde criança me encantava muito ver e ouvir a banda tocar, hoje me faz lembrar principalmente das festas religiosas, quando nos dias de festa tocava anunciando a chegada da festa junina, acompanhada do repique dos sinos da igreja e dos fogos. As quatro horas da manhã os componentes da banda reuniam-se na porta da igreja para iniciarem a alvorada, percorrendo as ruas da cidade. Eu era ainda criança, levantava cedo para ver a banda tocar e aproveitava também para estudar, pois minha mãe não me deixava estudar devido aos serviços que deveria ser cumprido em casa, o que não era pouco. Na garagem da casa de meu pai, tinha um carro de boi, o qual entrava debaixo para estudar e ao mesmo tempo ver a banda passar. Tenho consciência da importância desse patrimônio em minha cidade e

espero que jamais deixe de existir, marca aqueles momentos de alegria e saudades dos meus pais e amigos que já se foram, inclusive do meu amigo Alício Miranda, que não mediu esforços para que a banda existisse e elevasse o nome de nossa querida Cascalho Rico. Alício era uma pessoa muito humilde, simples serviçal da prefeitura municipal, fotógrafo nas horas vagas e se dedicava totalmente como maestro da banda. Hoje temos exemplos de pessoas como o Alício ,o Sr. João Tereza e o Sr. Antônio Eustáquio, que são os responsáveis pela continuidade da banda e se mostram apaixonados pelo o que fazem e lutam a cada dia pela sua permanência.¹²

Portelli salienta que os fatos corriqueiros do cotidiano das pessoas, quando relatados a um historiador, recebem uma conotação diferente daquela com que são transmitidas aos membros mais jovens da família, pois, segundo esse autor, a presença do historiador é suficiente para que o narrador levante questões sobre as quais nunca tenha pensado seriamente. A intenção do narrador tende a se alterar devido à novidade da situação.

O depoimento da Sra. Iêda Vieira Guimarães, ex-moradora da cidade de Cascalho Rico, é válido evidenciar sua opinião em relação ao patrimônio histórico e a cidade de Cascalho Rico :

Patrimônio histórico é tudo que temos herdado, guardado de gerações e mais gerações, passadas tanto moral, cultural ou intelectualmente falando. O patrimônio histórico de uma cidade são as raízes do crescimento de toda a cultura de um povo. Isso jamais poderá ser apagado, demolido e esquecido, pelo contrário, deverá ser respeitado,. conservado e restaurado quando necessário. Ele é importante num todo para a população, onde todos os fatos são importantes na construção da história de uma nação, de uma cidade ou de um povo. Cascalho Rico para mim, é um pedacinho do céu, apesar de não morar mais em Cascalho Rico, o que mais me preocupa em pleno século XXI, é a mentalidade das pessoas que na hora de escolher seus representantes são arraigados em votos por troca de favores, falsas promessas, dinheiro e até mesmo propagandas políticas. Isso me aflige muito, pois influencia o desenvolvimento da cidade que elegem pessoas que não possuem conhecimento cultural e que não sabem por exemplo, o que é um patrimônio histórico. Cascalho Rico poderia ser melhor ainda se colocasse um fim nas rixas políticas, partidárias, criadas em épocas de eleições, desde nossos antepassados. As pessoas sofriam muito nas épocas das eleições, era aquela rivalidade, quem votasse naquele partido que havia perdido, não tinha direito a nada. Se fosse funcionário da prefeitura em um cargo efetivo, permanecia, caso contrário era demitido do cargo. Atualmente também é assim, há perseguição política, divisão da comunidade, tristeza, indiferença entre o convívio social da população, né? É uma epidemia mental e moral que atrapalha a paz da cidade, esse é um dos motivos o qual muitas pessoas vão embora de Cascalho Rico. Um outro exemplo disso, é a própria Banda Alício Miranda, que a partir do momento

¹² Entrevista realizada com Luzia de Fátima Araújo, professora, moradora de Cascalho Rico, no dia 18 de janeiro de 2005.

*que passou a ter tutela da administração municipal, de quatro em quatro anos, é nomeado um novo maestro de acordo com a vontade e interesse do prefeito.*¹³

Quando se pensa na relação entre o presente e o passado, ao fazer uso das evidências orais, fica claro que as pessoas não falam do passado pelo passado, mas sim referindo-se ao presente. A análise crítica dos campos dos sentimentos e valores possibilitam assim perceber com que intensidade as pessoas percebem as mudanças no seu cotidiano e o que ocasionou tais mudanças levando a necessidade de reconstruir ou reelaborar a cultura a partir dos sentimentos de perda, o que se nota no depoimento dos entrevistados quanto a questão da importância que dão a banda de música hoje em relação ao passado. Ambos os depoimentos são carregados de sentimento, sejam de orgulho ou nostalgia, bem como os reflexos desses significados resgatando e construindo muitas memórias e histórias que experimentaram ou experimentam no seu cotidiano.

Ao entrevistar algumas pessoas quanto às memórias e significados das raízes e das tradições de Cascalho Rico, bem como da banda de música e o que valorizam, concluí que, para a maioria delas esse aspecto de perda tem grande importância, o que pôde ser observado pelo depoimento do Sr. João Tereza, que se refere à cidade de Cascalho Rico com muito sentimentalismo, saudade e ao mesmo tempo tristeza, indignação em relação às mudanças e à conservação do patrimônio histórico :

Cascalho Rico é minha vida, mudei de lá em 1971 procurando novos horizontes, porque recurso até hoje ainda é muito pouco. A gente tinha que cuidar da vida, eu sonhava em estudar, formar, ser alguém na vida, pois isso mudei de Cascalho Rico, mas Cascalho Rico continua e sempre será minha terra natal, por onde devo tudo, é lá que tem minha raiz, tenho muito orgulho de ser Cascalhoriquense e de fazer parte da banda que envolve minha vida inteira. Em relação as mudanças em Cascalho Rico, eu não quero ser pessimista quanto às mudanças, mas toda mudança traz (...) resultados positivos e negativos. Positivo quanto vemos uma cidade limpa, asfaltada com água encanada energia elétrica, rede de esgoto, uma escola. No entanto o progresso tem seu custo, tem seu lado negativo, falando em rede de esgoto me dá uma tristeza de ver nossa cachoeira poluída, meu sonho é um tratamento daquela água, para toda população poder voltar a tomar seu banho como antes. Outros pontos negativos são construções de prédios nos lugares de grandes casarões com grande valor histórico, demolidos ao invés de restaurados. Para mim, patrimônio histórico é aquilo que diz da história e o povo que não tem história, não tem passado, sendo muito difícil mostrar o seu presente. O futuro depende do presente, como o presente depende do passado.

¹³ Entrevista realizada com Iêda Vieira Guimarães, professora aposentada, atualmente reside em Araguari, inspetora da E. E. “Benedito Valadares” em Cascalho Rico. Entrevista realizada no dia 21 de setembro de 2004.

Nosso patrimônio histórico é elástico, quando pensamos que alguém fará alguma coisa em relação à preservação, volta tudo como era antes. Pra ser bastante sincero, às vezes fico até com um pouquinho de revolta, pois se dependesse de mim seria muito diferente, não quero pichar ninguém, nem falar do que deixaram de fazer, mas dizer que ainda há tempo de fazer, de mostrar o que fomos, no entanto muitos não enxergam isso, hoje tenho fotografias maravilhosas que nem eu me lembro mais, imagina as novas gerações !¹⁴

Com a modernidade as transformações do espaço urbano foram inevitáveis, contudo, quando levamos em consideração a memória das pessoas entrevistadas pôde-se perceber que cada geração possui guardada em seu íntimo, lembranças de épocas passadas que são consideradas como pontos de amarração de sua história.¹⁵

Pierre Nora afirma que “(...) a passagem da memória à história impôs a cada grupo a obrigação de redefinir a sua identidade para a revitalização de sua própria história. O dever da memória faz de cada um o historiador de si”. (NORA, 1984 p.28)

Desta forma, não são apenas aqueles que trabalham com a história oficial que alimentam o desejo de recuperar o seu passado desaparecido, mas também todos os outros, intelectuais ou não, que desejam pesquisar a sua própria constituição, reencontrando dessa maneira, suas origens.

Um pouco dessa história social e cultural¹⁶ de Cascalho Rico foi resgatada pelas narrativas de alguns moradores que se preocupam com a história da cidade, é percebido nos depoimentos, refletem uma grande preocupação em relação à permanência da banda. Atualmente, pode-se dizer que há um marasmo quanto aos eventos, que raramente são realizados na cidade, sendo mesmo que, algumas vezes quando acontecem, não alcançam o mesmo “glamour” de antigamente por falta de interesse das pessoas.

Rafhael Samuel salienta a importância do apelo ao depoimento oral, o qual torna possível escapar de algumas falhas dos documentos escritos, onde só as pessoas mais velhas podem esclarecer :

(...) Há verdades que são gravadas nas memórias das pessoas mais velhas e em mais nenhum lugar; eventos do passado que só eles podem explicar-nos, vistas sumidas que só eles podem lembrar.

¹⁴ Entrevista realizada com João Batista da Silva

¹⁵ Analisando alguns depoimentos relacionando-os com as considerações de Thompson à cerca dos costumes, os mesmos nos possibilitam estar pensando como os depoentes de Cascalho Rico perceberam as mudanças ocorridas na cidade com o processo de “modernização” bem como o sentimento dos mesmos diante de tais mudanças.

¹⁶ A banda de música é aqui considerada como parte da vida do povo, ou seja, integrantes da cultura entendida como modos de vida, lembrando o que Thompson – em Costumes em Comum, 1988 p.22 – entende a cultura “como um termo emaranhado que pode confundir ou ocultar distinções que precisem ser feitas”. Um conjunto de diferentes recursos.

Documentos não podem responder; nem, depois de um certo ponto, eles podem ser instigados a esclarecer, em maiores detalhes, o que querem dizer, dar mais exemplos, levar em conta exceções, ou explicar discrepâncias aparentes na documentação que sobrevive. A evidência oral, por outro lado, é infindável, somente limitada pelo número de sobreviventes, pela ingenuidade das perguntas do historiador e pela sua paciência e tato. (...)

(SAMUEL, 1990 p.230)

A Banda de Música apresenta larga diversificação de gênero e de autores, pois se encontra em toda a abrangência do espaço brasileiro vivendo hoje, em muitos lugares, em estado de latência. A banda de música ainda é a mais antiga e menos estudada instituição ligada à criação e divulgação da música popular, no entanto é imprescindível a evidência oral, na qual se refere Raphael Samuel.

É válido ressaltar a importância das fotografias durante as entrevistas, foi um recurso auxiliar perfeito, pois suscitou várias lembranças relativas a banda de música de Cascelho Rico desde seu surgimento até os dias atuais. Segundo Raphael Samuel “A recuperação de velhas fotografias serão úteis, de qualquer forma, como ilustrações, evocando o passado para aqueles que nunca o viram e estimulando novas memórias naqueles que lá estiveram.”

(SAMUEL, 1990 p.232)

2.3 Lembranças e Esquecimentos

Essa análise teve por objetivo, resgatar características perdidas, tradições que estão sendo esquecidas, principalmente por causa da relação do homem com a modernidade que aos poucos, vai apagando da memória as tradições, deixando para trás elementos importantes de suas raízes. No entanto, a utilização da fotografia, como fonte de pesquisa, deve levar em consideração que a imagem impressa no papel não se confunde com a realidade, se o pesquisador considerar que tudo que pode ser visto na foto era costume da época, pode chegar as conclusões equivocadas. A foto, por ser um recorte particular da realidade, representa apenas o congelamento de um momento, principalmente aquelas produzidas em estúdios, como há 150 anos, quando as pessoas tinham que ficar paralisadas por mais de um minuto (por causa do equipamento) e se arrumar para a ocasião, porque, geralmente era a única foto que tiravam na vida.

Segundo Maria Célia Paoli :

(...) o reconhecimento do direito ao passado está, portanto, ligado intrinsecamente ao significado presente da generalização da cidadania por uma sociedade que evitou até agora fazer emergir o

conflito e a criatividade como critérios para a consciência d um passado comum. Reconhecimento que aceita os riscos da diversidade, da ambigüidade das lembranças e esquecimentos, e mesmo das deformações variadas das demandas unilaterais. Arrisca-se a encontrar as solicitações por uma memória social que venham baseadas em seu valor simbólico, mesmo que sejam locais, pequenas, quase familiares. Não teme restaurar e preservar o patrimônio edificado sem pretender conservar o “antigo” ou fixar o “moderno”. Orienta-se pela produção de uma cultura que não repudie sua própria historicidade, mas que possa dar-se conta dela pela participação nos valores simbólicos da cidade, como o sentimento de “fazer parte” de sua feitura múltipla

(PAOLI, 1992 p.27-28)

O Sr. Wagner Gonzaga, 52 anos, músico da banda desde a 2ª geração e coveiro da cidade, relata a importância da banda, ao mesmo tempo que ressalta uma perda da tradição, deixando claro sua insatisfação :

Eu sempre fui inclinado pra tocar, meu pai era tocador e como o Alício tava procurando gente para tocar eu aceitei o convite com a maior satisfação. Comecei com 17 anos, nunca tive aula de música, aprendi de ouvido e até hoje, se eu olha no papel, num sai nada. Uma coisa que me deixa muito triste, é que hoje não é igual era, a gente tocava pra uma multidão de pessoas. Nas festa religiosa, nós não tocava só na porta da igreja não, nós tocava a festa inteirinha, nós é que fazia o baile, era muito animado. As pessoa vinha de longe, de carro de boi pra festa, era uma época boa demais, hoje que as coisa é muito mais fácil, muita gente deixou de vim. Parece que as pessoa num sabe que a banda faz parte da nossa história, conta muita coisa da nossa vida, é um patrimônio para nós Na época do Alício, nós tocava num coreto feito de pano, eu até tenho essa foto, que traís só recordação boa. Outra coisa que me deixa triste, é que muita gente não sabe que eu estou na banda há mais de 35 anos, ninguém nunca contou isso, eu fui o único músico que não afastou hora nenhuma, até os maestros mudaram , saiu da banda, teve época que carreguei a banda sozinho, tinha somente sete tocador, mais eu continuei firme, eu toco porque gosto muito, me sinto orgulhoso de fazer parte da banda de música.

De acordo com os relatos a maioria das pessoas de Cascalho Rico não sabem que patrimônio histórico não se restringe apenas a bens materiais. Cabe esclarecer que a criação do instrumento de proteção dos bens imateriais é muito recente, criado pelo decreto presidencial n.3551, de 4 de agosto de 2000. Os bens imateriais diferem estruturalmente dos bens materiais, no caso destes últimos, os valores que eles suportam podem ser substituídos sem acarretar perda da memória.

Em que pese a alteração do uso, sua memória permanece registrada em razão de sua materialidade. Já os bens imateriais dependem da permanência de valores e significados para serem considerados bens culturais, são exatamente esses valores que

se configuram como patrimônio histórico. Um exemplo disso, é a própria banda de música, pois seus instrumentos podem ser substituídos, são bens materiais móveis, no entanto, a música exalada dos instrumentos independente da época deixam marcas que só poderão ser recordadas através das memórias e significados das pessoas que vivenciaram o momento.

A criação do Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional – SPHAN, em 1937 representou um maior interesse na preservação do patrimônio. Nascida nos meandros e contradições do autoritarismo do Estado Novo, esta concepção de patrimônio histórico, mesclada de rebeldia modernista, acabou por cristalizar os elementos do nacionalismo autoritário com as intenções modernistas, na tentativa e com o objetivo de recuperar o passado para alcançar uma definição da identidade nacional.

Preocupados em identificar, restaurar, conservar bens culturais com inegável valor histórico e artístico, atua como fator de solvência das contradições reais e retira da memória o significado de luta social que possuem, através da implantação de projetos de história oral, depoimentos, visando ampliar o universo de registros relativos à memória e à história.

De acordo com alguns documentos oficiais do poder público, o IEPHA/MG (Instituto Estadual do Patrimônio Histórico e Artístico de Minas Gerais), criado somente em 1971 pela Lei Estadual n.5.775, de 30 de setembro, é uma fundação pública, sem fins lucrativos, com autonomia administrativa e financeira, isenta de tributação estadual. Possui os privilégios legais atribuídos às entidades de utilidade pública e um conselho curador que decide sobre os tombamentos no nível de estado com finalidade de proteger e promover o patrimônio cultural de interesse de preservação. Para que os municípios possam desempenhar bem a tarefa que lhes cabe, o IEPHA/MG presta assessoria técnica, fomenta criação de conselhos municipais, visando ao repasse do ICMS cultural, nos termos da Lei n. 13.803/00. Além disso, o governo do estado de Minas Gerais, pela Secretaria de Estado da Cultura, libera recursos para o patrimônio cultural por intermédio da Lei Estadual de incentivo à cultura.

Vale ressaltar a importância em saber o que é patrimônio histórico evidenciado na coleção Lições de Minas: Educação patrimonial (Secretaria de Estado da Educação, 2002) pois trata-se de uma abordagem que valoriza a criação e as invenções humanas ao longo da história. Uma das especialidades da população inserida socialmente é a

capacidade de se articularem com a noção do tempo. Temos idéia do que representa o passado e podemos ter envolvimento os mais variados com a “noção do passado”, o passado pode perturbar e incomodar, acalmar e trazer boas lembranças. A partir dessa vivência, que busca os apelos do passado, é que o homem pode refazer sua vida incessantemente, mais do que nos proteger das intempéris do tempo e garantir a nossa sobrevivência física, recorremos aos suportes da memória tentando preservar e valorizar sua própria história.

Em relação à identificação, do conhecimento dos bens e de sua autenticidade :

(...) O que se denomina patrimônio histórico, artístico nacional representa parte muito relevante e expressiva do acervo aludido, por ser o espólio de bens móveis e imóveis aqui produzidos por nossos antepassados, com valor de arte erudita e popular, ou vinculados a personagens e fatos memoráveis da história do país. São documentos de identidade da nação brasileira.

(MALHANO, 2002 p.98)

Não obstante o desconhecimento da sociedade de Cascalho Rico em relação ao patrimônio histórico, implica muitas vezes em não saber seu significado, sua importância, ficou explícito durante as entrevistas que muitos entendem patrimônio histórico somente como bens materiais móveis, antigos, de acordo com alguns relatos, a banda não é considerada um patrimônio histórico.

É necessário salientar que existe uma subjetividade na importância dos testemunhos históricos, mesmo os mais modestos e humildes, adquirem insubstituível valor, haja vista que a memória se corporifica como forma de resguardar algo que tende a ser esquecido. Quando se fala em patrimônio histórico, pensa-se quase sempre em uma imagem congelada do passado paralisado em museus cheios de objetos. No entanto, deveria evocar múltiplas dimensões, como imagens de um passado vivo, acontecimentos e coisas que merecem ser preservadas porque são coletivamente significativas.

Partindo dessa análise, fica claro, a existência de várias memórias que mesmo heterogêneas são fortes referências mesmo quando tenham um fraco nexo com a história instituída. O grande desafio, portanto, é fazer com que experiências silenciadas, suprimidas ou privatizadas da população se encontrem com a dimensão histórica. Um ex-integrante da banda Luís Alberto da Silva, 51 anos, conta que iniciou muito cedo a

tocar na banda, apenas com 10 anos de idade, relata que sua saída da banda em 2004, foi devido à alguns desentendimentos com o maestro :

Eu fiquei muito triste em sair da banda, contudo trago comigo boas e engraçadas recordações, pois comecei muito cedo na banda, foi uma vida inteira, A banda do Alício era muito solicitada em várias cidades, muito mais que hoje em dia. Um dia, me lembro bem, nós foi toca em Dolearina, cidade vizinha, como era dois dias de festa tivemos que pousar lá. Quando chegamos tinha um banquete muito bom que a dona da pensão tinha preparado, tava tudo muito bonito, só que o pão de queijo era de muitos dias. E os músicos para fazer uma brincadeira pegou um desse pão de queijo e miraram bem na testa do maestro, o pão de queijo estava tão duro que fez um galo na testa do Alício. Ele ficou tão bravo que não permitiu que ninguém comesse mais nada. Nós doido de fome, vimos um pé de jabuticaba carregado, muito bonito no quintal do vizinho, não resistimos e subimos no pé, só que o dono da casa acordou com uma lanterna na mão e quase matou nós de susto, quanto ele viu que era nós começou a ri e deixou nós a vontade. Outro caso engraçado é com o Sr. Gilton Carlos integrante da banda desde a época do Alício, é uma pessoa muito simples e humilde. Toda festa que nós ia tocar, nós ganhava o café, o almoço e as vezes até a janta. Fomo convidado pra tocar em Douradoquara, depois de almoçar num restaurante da cidade, a garçonete passou oferecendo palito de dente, muito inocente, sem saber o que era aquilo, o Sr. Gilton falou para moça que estava com a barriga cheia, mas muito agradecido Todos que estava no restaurante, num agüentaram e caíram na risada, deixando o Sr. Gilton com muita vergonha.¹⁷

Para o Sr. Luís Alberto muitos músicos estão na banda devido a gratificação dada e não por gostar realmente de música, todavia recorda momentos engraçados vividos na banda desde sua permanência.

Segundo relata um dos mais novos integrantes da banda, Ícaro Rodrigues Marques, nas cidades vizinhas a maioria das pessoas dão mais valor a banda do que a maioria das pessoas de Cascalho Rico :

Quando comecei na banda tinha apenas 6 anos, nasci em 1997, agora estou com 13 anos, sempre gostei de ver a banda tocar. Desde pequeno ia pro ensaio com meu pai, que já era da banda e com isso comecei a gostar de música também, na minha casa todos são músicos, minha irmã a até minha mãe. Eu toco qualquer instrumento mas agora estou tocando tuba, conhecido como baixo. Uma coisa que eu fico sempre pensando é porque as pessoas estão deixando de prestigiar a banda, antes ficavam todos aguardando a banda tocar todas as músicas nas festividades, hoje as pessoas custam esperar a banda tocar uma música, parece que ouvir a banda tocar perdeu a graça, eu fico preocupado com isso, pois tenho medo da banda um dia parar de tocar. Em algumas cidades vizinhas o povo fica tão entusiasmado, valorizam tanto a banda que fazem a gente ficar até com a boca inchada de tanto tocar, acaba de tocar uma música

¹⁷ Entrevista realizada com Luís Alberto da Silva, trabalhador braçal, músico desde os 10 anos de idade, morador de Cascalho Rico. Entrevista realizada no dia 07 de outubro de 2004.

*pedem outra, é muito bom, eu me sinto muito orgulhoso de fazer parte da história da banda.*¹⁸

A Banda “Alício Miranda” de Cascalho Rico ficou conhecida no Brasil inteiro, quando foi apresentada no programa “Globo Rural”, na Rede Globo de Televisão no ano de 2000. João Teresa elaborou uma revista chamada “Lá pras Bandas de Cascalho Rico”, contando um pouco da história da banda e também de Cascalho Rico. Segundo ele, apesar de ter sido uma tarefa árdua foi muito gratificante, pois não havia nenhum documento relacionado à banda e escreveu sua revista somente com depoimentos orais de pessoas que vivenciaram cada época retratada.

Em relação a elaboração da revista, o Sr. João Tereza relata :

*Meu objetivo, era contar a quem ainda não a conhece e ainda relembrar àquele que por descuido tenha esquecido de algum detalhe de nossa história. Tudo começou com uma vontade súbita de escrever sobre as nossas bandas e nossos músicos, as bandas existem para abrilhantarem eventos importantes, alegres, tristes. Procurei em contar com sinceridade, fatos conhecidos, alguns presenciados por mim, outros por informações obtidas. Com isso, resolvi mandar um exemplar dessa revista para o globo rural, mas não tendo muita esperança de algum retorno, mesmo sabendo da grande importância da nossa história. Fiquei muito emocionado quando recebi um telegrama confirmando a presença da televisão em nossa cidade e que em breve seríamos matéria do globo rural. Isso me deixou muito feliz, pois ninguém da nossa cidade imaginava uma rede nacional de grande importância em nossa cidade. A matéria feita sobre a banda ficou tão bonita, que foi reprisada como melhores momentos do globo rural.*¹⁹

Em relação a reportagem realizada pelo Globo Rural, o qual passou uma imagem muito bonita, romântica em relação à banda de música de Cascalho Rico, bem como a participação da comunidade nas festas religiosas. Houve algumas modificações em relação a isso, muitas pessoas não dão o devido valor como foi mostrado na reportagem. Muitos seguem essa tradição de tempos atrás, mas não se preocupam tanto com seus significados, muitas vezes participam dessa tradição pelo costume adquirido desde a infância. Um exemplo disso, é a participação da banda nas festas religiosas, que atualmente não tem total participação da população, muitos vão as festas religiosas não para ver a banda tocar e nem pela devoção, pela fé, mas porque as vezes toda a família participa e para eles, isso é uma diversão.

¹⁸ Entrevista realizada com Ícaro Rodrigues Marques, 13 anos, estudante, integrante da banda desde os 6 anos de idade. Entrevista realizada em 16 de março de 2005.

¹⁹ Entrevista realizada com João Batista da Silva.

Conversando com alguns moradores antigos de Cascalho Rico, muitos atribuem que a participação da banda nas festas religiosas não é muito importante, relatam que o som que sai dos instrumentos musicais incomoda, mesmo os mais religiosos. É notório então que o povo, ao longo do tempo, vai construindo suas próprias formas de viver, para outros, no entanto a banda tem papel primordial, traz momentos de descontração, alegria e recordações.

Segundo a Sra. Jandira Gomes Vieira, 75 anos, antiga moradora da cidade de Cascalho Rico, se recorda de que as festas eram mais simples, porém muito mais significativas, pois o povo sabia aproveitar os momentos bons :

(...) Ah, minha filha... hoje em dia não é como antigamente, não ! Hoje as pessoa não dão valor as coisa boas que tem. A banda de música, por exemplo não tem apoio da comunidade, como tinham, antes onde tudo era mais difícil, povo da roça largava suas casa e iam de carro de boi, ou a pé mesmo, quando não tinha nenhum parente arranchavam perto da igreja desde o 1ª dia da novena até o dia 24 de junho, mesmo assim todos vinham pra tudo quanto era festa na cidade, sabia aproveitar, tinha mais fê. Hoje Cascalho Rico acabou, muitos foi embora da cidade, num tem emprego pra pessoa, né ? Os que fico já estão cansados e os mais novo não que saber de nada, tem outra diversão que acham mais importante, os pais, hoje em dia não ensina o filho a dar valor nas coisa , é por isso que tudo vai acabando. Dia de festas, aqui ? Ah, as ruas ficavam cheia até durante o dia, à noite, embaixo do coreto ficava lotado, o povo se encantava em ver a banda toca, hoje não tem nada disso, às vezes a banda é lembrado no momento, um exemplo foi quando veio a televisão, saiu dali esquece da banda, outra coisa que atrapalha muito também é a política, o povo vai ficando desanimado por causa da perseguição política, a cidade fica muito dividida, vai perdendo o entusiasmo.²⁰ (Ver figura 4, em anexo).

Em relação às festas religiosas que acontecem na Igreja de São João Batista com a participação da Banda de Música Alício Miranda, os entrevistados relataram o modo como eram realizadas em épocas anteriores apontando algumas transformações ocasionadas pelas relações econômicas, sociais e políticas, relativas ao contexto em que se realizam atualmente. Por meio desses relatos concluí, que, apesar das transformações, a tradição e o significado da banda de música como das festividades, se conserva, não com a mesma intensidade de antes, mas persistem e são transmitidos às gerações futuras, se não fosse isso, hoje não teria a terceira geração de Bandas em Cascalho Rico.

²⁰ Entrevista realizada com Jandira Gomes Vieira, cabeleireira, moradora de Cascalho Rico há 75 anos. Entrevista realizada no dia 26 de janeiro de 2005.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A utilização da história oral como fonte de pesquisa, teve como objetivo uma história construída em torno das pessoas, e a contribuição que foi recebida dos entrevistados que se dispuseram a auxiliar com seus depoimentos, foi de grande valia e facilitou o acesso à informações que se perderam no decorrer do tempo, mas que se mantiveram resguardadas na memória de cada um deles.

Diante de tantas argumentações pode-se perceber como a memória da origem da banda está presente nos moradores de Cascalho Rico, pois é uma história contada e recontada por eles e tem uma grande relação com a festa religiosa tradicional da cidade, onde a banda de música tem sua principal apresentação. Percebemos, no entanto que nem sempre o que é encarado por alguns como descaso, é para outros, muitas pessoas se reconhecem no seu passado, contam suas histórias com grande satisfação, deixando transparecer seu amor pela banda e pela cidade.

Segundo LEMOS (1981:29),

Aqui, registrar, é sinônimo de preservar, de guardar para amanhã informações ligadas a relações entre elementos culturais que não têm garantias de permanência. Assim, preservar não é só guardar uma coisa, um objeto, uma construção, um miolo histórico de uma grande cidade velha. Preservar também é gravar depoimentos, sons, músicas populares e eruditas. Preservar, é manter vivos, mesmo que alterados, usos e costumes populares. (...).

(LEMOS, 1981 p.29)

Cascalho Rico, no entanto com todas as transformações econômicas, sociais, políticas, culturais, ainda conserva sua tradição, em especial a apresentação da banda nas festas religiosas, permanece ainda o desejo de sair nas janelas, nas portas, para ver e ouvir a banda passar. Na medida que ocorre tais modificações com o decorrer do tempo, muitos ainda conservam na memória o significado da banda de música e colocam o sentimento de continuidade presente naquilo que se lembra. A Banda de Música traz muitas recordações, principalmente para os moradores mais antigos de Cascalho Rico, recordações essas que foi despertada da memória para quedar-se na história.

A banda de música Alício Miranda têm em Cascalho Rico um significado muito importante, principalmente nas apresentações nas festas religiosas da cidade, no entanto, não é mais o centro das atenções como era antes nas gerações de bandas passadas.

Isso se deve, em parte, à mudança de hábitos das pessoas que, procurando acompanhar o ritmo acelerado do “progresso”, deixam para trás, práticas anteriormente

consideradas agradáveis, como por exemplo, ver e ouvir a banda passar. Contudo, apesar de todas essas transformações, ficou patente, que a banda continua fazendo parte do dia-a-dia das pessoas como testemunha dos modos de vida de várias gerações.

Quanto a discussão relativa ao significado de patrimônio histórico, bem como sua preservação, relacionado com a banda de música, os depoimentos orais colhidos demonstraram que há uma preocupação por parte da maioria dos entrevistados em se resgatar o passado, não deixá-lo no esquecimento, como também de conservar-se o presente para que não se perca na memória. Foi possível observar que há um profundo desconhecimento das pessoas em relação ao que pode ser considerado patrimônio histórico cultural. A maioria das pessoas entrevistadas não consideram e/ou não sabem que a Banda de Música é um patrimônio histórico e que seus instrumentos musicais são tombados pelo Conselho municipal do Patrimônio Cultural de Cascalho Rico, como desconhecem que a música também é um bem patrimonial histórico cultural.

Não se pode negar, então, que apesar da continuidade da banda de música, há um desinteresse geral quanto a preservação, seja de bens móveis/ imóveis ou culturais que não deve ser atribuído apenas ao povo, mas também à classe dirigente, a qual prioriza seus interesses em detrimento até mesmo de manifestações culturais. Desse modo, é pertinente que novos trabalhos sejam realizados em relação não só à banda de música, mas ao vasto número de bens históricos de Cascalho Rico e de outros municípios. Uma vez que existe um pequeno número de trabalhos produzidos, o que dificultou bastante minha pesquisa, mas que com a boa vontade de vários entrevistados, tornaram meu trabalho um celeiro inesgotável de memórias e significados que possibilitaram sua concretização.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

CUNHA, Maria Clementina Pereira. *Patrimônio Histórico e Cidadania - uma discussão necessária. O direito à memória*. Patrimônio Histórico e cidadania, São Paulo: DPH, 1992.

FENELON, D. R.. *Políticas culturais e patrimônio histórico*. O Direito à memória: Patrimônio Histórico e cidadania. São Paulo: DPH, 1992.

ISAACS, Alan e **MARTINS**, Elizabeth. *Dicionário de Música*. Rio de Janeiro: Zahar editores, 1984.

LEMOS, C. A. *O que é Patrimônio Histórico*. São Paulo: Brasiliense, 1992.

MALHANO, Clara Emília Sanches Monteiro de Barros. *Da materialização à Legitimação do passado: a monumentalidade como metáfora do estado – 1920-1945*. Rio de Janeiro; Editora Lucerna, FAPERJ, 2002.

NORA, P. Les lieux de mémoire. Paris: Seuil, 1984-1992. Apud. **FONSECA**, Maria Cecília Londres. *Patrimônio em processo: trajetória da política de preservação no Brasil*. Rio de Janeiro: IPHAN : 1997.

_____, P. *Entre Memória e História: A problemática dos lugares*. In: Projeto História. São Paulo: Educ, nº 10, dez/1993.

PORTELLI, A. *História Oral Como Gênero*. In: *Projeto História*. Revista do programa de estudos graduados em História da PUC/SP. São Paulo: EDUC, nº.22, p.9-36, Jun/2001.

_____, A. *O que faz a história oral diferente*. In: *Projeto História*. Revista do programa de estudos em História da PUC/SP. São Paulo: EDUC, nº 14, fev/1997.

REIS, D, T. *Banda de Música, fanfarra e bandas marciais*. Rio de Janeiro: Eulenstein música S.A. , 1992.

RAYNOR, H. *História Social da Música – Da idade média a Beethoven*. Rio de Janeiro, Zahar editores, 1972, p.09-27.

SAMUEL, R. *Documentação – História Local e História Oral*. In: *Revista Brasileira de História*. São Paulo, v.9, nº 19, set89/fev90, p.219-243.

SIQUEIRA, Jacy. *A Banda ontem e o seu futuro*. Goiânia: Gráfica Editora Líder, 1981.

THOMPSON, E. P. *Introdução: Costume e Cultura*. In: *Costumes em Comum*. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

FONTES UTILIZADAS:

1. FONTES IMPRESSAS

Prefeitura Municipal de Cascalho Rico

PREFEITURA DE CASCALHO RICO, Secretaria de Planejamento e Desenvolvimento Urbano 2002.

DOSSIÊ DE TOMBAMENTO – Instrumentos musicais antigos – Abril/2003. Decreto nº 006/2003.

Plano de inventário Cascalho Rico – Abril/2003

CARTILHA “Cascalho Rico-MG” – Redigida por Avenir Alves Barbosa – Editada em 1994, com o apoio financeiro da Prefeitura Municipal de Cascalho Rico.

Acervo privado do Sr. João Batista da Silva:

Jornal O GRUPIARA: Banda de música de Cascalho Rico regida pelo maestro Eloy José de Miranda na Festa de São Geraldo na cidade de Grupiara, 14 de abril de 1927.

REVISTA “ Lá pras Bandas de Cascalho Rico”- redigida e organizada por João Batista – Editada em 1996.

2. FONTES ICONOGRÁFICAS

Acervo iconográfico de Sr. João Batista da Silva (João Tereza)

MAPA: acervo da Prefeitura Municipal de Cascalho Rico

3. INTERNET

PAES, Carlos Roberto de Amaral. História das Bandas de Porangaba – 1989. Disponível em: “<http://www.porangabasuahistoria.cjb.net/>”. Arquivo capturado em: 15/07/04.

4- FONTES ORAIS

ARAÚJO, Luzia de Fátima, 51 anos, professora, moradora de Cascalho Rico desde seu nascimento. Entrevista realizada em 18 de janeiro de 2005.

CARDOSO, Antônio Eustáquio, 57 anos, maestro e também integrante desde a 2ª geração da banda, responsável pela formação da banda atual, residente em Cascalho Rico. Entrevista realizada em 24 de agosto de 2004.

GONZAGA, Wagner José Francisco, 52 anos, coveiro da cidade, músico desde a 2ª geração da banda Alício e Facinho. Entrevista realizada em 22 de março de 2005.

GUIMARÃES, Iêda Vieira, 62 anos, inspetora da Escola Estadual “Benedito Valadares” em Cascalho Rico, professora de história aposentada, moradora da cidade de Araguari, residiu em Cascalho Rico 12 anos. Entrevista realizada em 21 de setembro de 2004.

MARQUES, Heleno Sebastião, 42 anos, trabalhador braçal, natural de Cascalho Rico e músico da banda. Entrevista realizada dia 18 de março de 2005.

MARQUES, Ícaro Rodrigues, 13 anos, estudante, integrante da banda desde os 6 anos de idade em 1997, sua família toda faz parte da banda; pai, mãe e irmã, toca qualquer instrumento da banda. Entrevista realizada em 16 de março de 2005.

RESENDE, Célio, 66 anos, ex-prefeito de Cascalho Rico, ajudou na compra dos instrumentos musicais da Banda Alício Miranda, morador de Cascalho Rico desde seu nascimento. Entrevista realizada em 17 de Agosto de 2004.

SILVA, João Batista da, 57 anos, integrante da 2ª geração da banda, maestro, residente em Araguari, natural de Cascalho Rico, foi cabo no 2º Batalhão Ferroviário de Araguari e responsável também pela formação da 3ª geração da banda. Entrevista realizada em 09 de junho de 2004.

SILVA, José Paulo da, 76 anos, integrante desde à 2ª geração de banda, trabalhador braçal, natural de Grupiara. Morador de Cascalho Rico há 58 anos, começou na banda com 17 anos. Entrevista realizada em 04 de fevereiro de 2005.

SILVA, Luís Alberto da, 51 anos, músico desde os 10 anos de idade, morador de Cascalho Rico. Entrevista realizada em 07 de outubro de 2004.

VIEIRA, Jandira Gomes, 75 anos, cabeleireira, moradora de Cascalho Rico desde seu nascimento. Entrevista realizada em 26 de janeiro de 2005.

ANEXOS:**Figura 01**

1ª Geração : Banda do Eloy Miranda

Acervo : João Batista da Silva

Figura 02



2ª Geração : Banda do Alício e Facinho – 21/05/1945

Apresentação em Cumari – GO

Acervo : João Batista da Silva 1942 – 1976

Figura 03



3ª Geração : Banda Alício Miranda – 27/12/1985

A Inauguração

Acervo : João Batista da Silva

Figura 04



Procissão de São João Batista, padroeiro da cidade, acompanhada pela banda do Alício e Facinho, época em que as famílias vinham acampar na cidade com seus carros de boi.

Acervo: João Batista da Silva , 1948